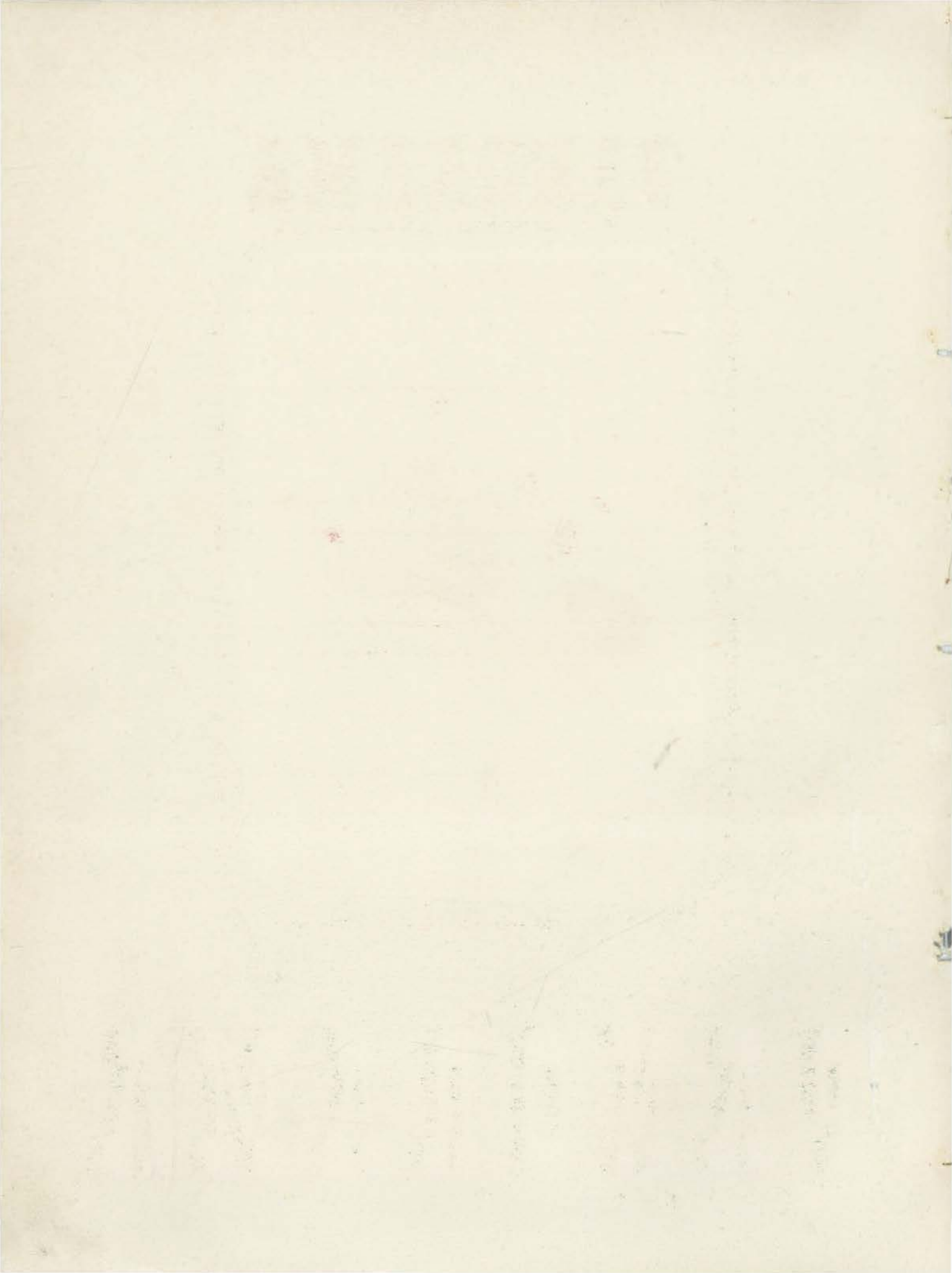
DE ARTE E TURISMO

REVISTA PORTUGUESA

REVISTA PORTUGUESA

PANORAMA

numero 2 ano 1 . 1941

ANTIGA CASA DOS MARISCOS

R. JARDIM DO REGEDOR-34 A 50-TEL. 2 6801-LISBOA

SOCIEDADE DE VINHOS
BORGES & IRMÃO, L.DA

VILA NOVA DE GAIA — PORTUGAL

POR se ter esgotado a edição do primeiro número do PANORAMA, e atendendo aos inúmeros pedidos que à sua Administração têm chegado, será, possìvelmente, feita segunda edição.

Afim-de se regular a tiragem, devem os interessados dirigir pedidos a esta revista ou ao seu depositário: — Editorial, Organizações, Lda., Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa.

DOS OS QUE SE INTERESSAM PELOS BONS RESULTADOS DAS CULTURAS

CONSTRUÇÃO DE JARDINS, PARQUES E POMARES

O DE
NTAR
NQUE-
S APO-
MODES-
IAS E
R E SA-
LAO DE ... ASCENSOR.

PÔRTO

P. DA BATALHA. TELEF. 1217 E 1253. ESTADO 33

CASTELLO

ÁGUA MUITO RADIOACTIVA

PURÍSSIMA
LÍMPIDA
DIGESTIVA

AS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES DE CAPTAGEM E ENGARRAFAMENTO EM

PIZÕES - MOURA

MAGNÍFICO EDIFÍCIO DE ARQUITECTURA MODERNA, SATISFAZENDO TÔDAS AS EXIGÊNCIAS DO BOM GÔSTO E COMODIDADE

Hotel da Fonte Santa

BALNEÁRIO
COM SALAS DE TRATAMENTOS, INALAÇÕES, ETC.

Caldas de Monfortinho

COMISSÃO DE VITICULTURA DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES

VINHOS VERDES

a agulh

a frescura

a vive

o sabôr a uva

TORNAM ESTES VINHOS INCONFUNDIVEIS E PRECIOSOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA, 277, 2.º — LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO MENSAL DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

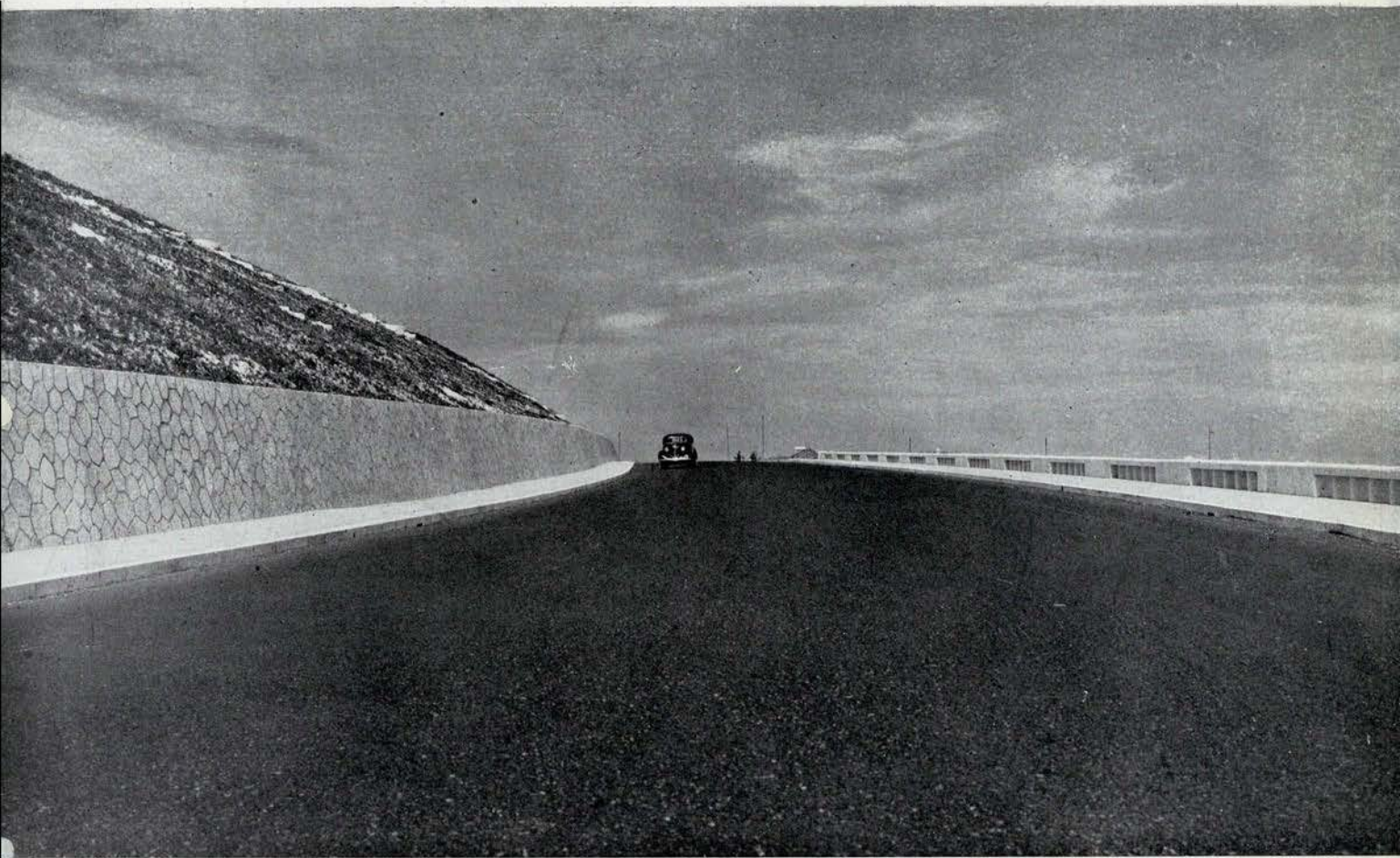
JULHO, 1941 N.º 2 VOLUME 1.º

CAPA DE BERNARDO MARQUES — DESENHOS DE OFÉLIA MARQUES, PAULO FERREIRA, SARA AFFONSO E BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS DE ALVÃO, CARLOS RIBEIRO, CASIMIRO VINAGRE, DENIS SALGADO, HORÁCIO NOVAES, JOSÉ AUGUSTO, MANFREDO, MÁRIO NOVAES, MARQUES DA COSTA E TOM

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 15$00, 12 números 30$00, — Colónias Portuguesas, 6 números 17$50, 12 números 35$00 — Estrangeiro, 6 números 20$00, 12 números 40$00

DISTRIBUÏÇÃO EXCLUSIVA DA EDITORIAL, ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — LARGO TRINDADE COELHO, 9, 2.º — LISBOA

PREÇO: 2$50

Confie os seus alimentos à guarda
do novo frigorifico distribuido pela
PHILIPS
Publicidade PANORAMA

ESTRADA MARGINAL

por

Castro Soromenho

Abrem-se as portas do mar, — colunas de fumo de transatlânticos, que cruzam as águas do Tejo, sobem e esfumam o céu, aberto em concha azul sôbre a terra ensoalheirada, — e o *auto,* largado o cais, trilha o asfalto da Avenida da Índia, deixa atrás a Tôrre de Belém e a Praça do Império, os Jerónimos ao fundo, frente à Praia do Restelo, de onde largaram, em época venturosa, as naus dos Descobrimentos, e entra, Algés à vista, na Estrada Marginal, longa de 20 quilómetros, rumo à Costa do Sol.

O sol doira as areias das praias do rio, — aqui e além erguem-se barracas, que a época balnear é chegada, — e a estrada, larga para 4 automóveis correrem à desfilada, 2 em cada sentido, lança-se ao longo da linha férrea, Dafundo e o seu Aquário perdem-se na distância, até à Cruz-Quebrada, inflectindo para norte, onde passa sôbre a ribeira de Jamor, para, numa subida, alcançar a Boa-Viagem, terras altas alongando horizontes sôbre o Tejo e campos verdejantes a apartar vilas ribeirinhas, e logo desce a Caxias, estendendo-se, debruçada sôbre a Costa, a contornar, em longa curva, a praia do Lagoal e a de Paço-de-Arcos.

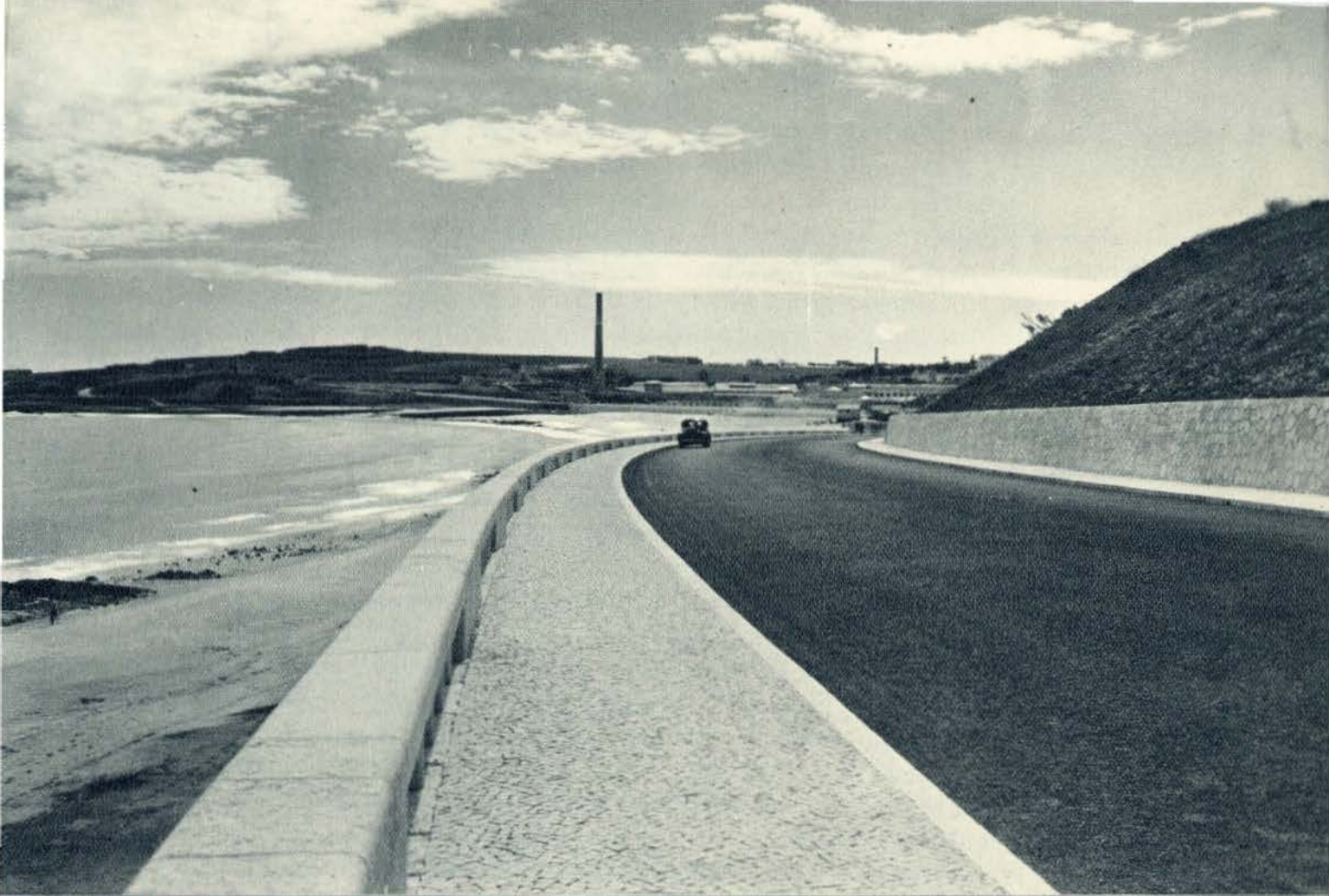
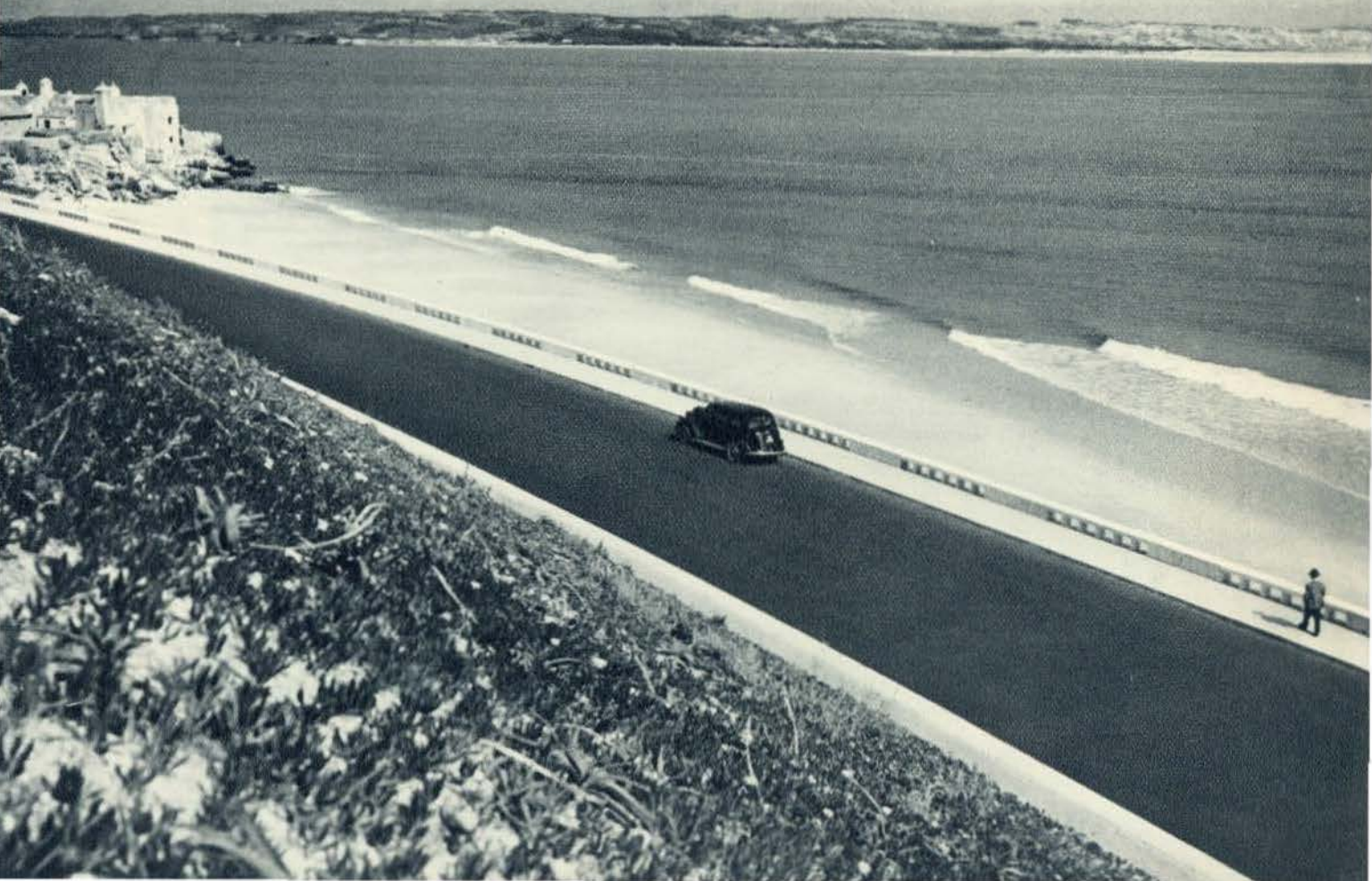
Vão ficando para trás os velhos fortins de S. Bruno, Giribita e Maias, voltados para o mar,

marulhante nos seus baixos, recordando velhos tempos, quando naus argelinas demandavam a costa, em andanças de pirataria. Há muito quedados em inutilidade, vão ser, em breve, aproveitados para pousadas, casas de chá, restaurantes e centros de pesca para amadores, oferecendo ao turista encantos de varandim sôbre o mar, quási sempre em brandura de lago.

Numa curva do caminho, desponta St.º-Amaro, e a velha e histórica vila de Oeiras, onde em língua de areia traquinam crianças, acenando aos pequenos barcos, velas enfunadas, que deslizam nas águas azues.

S. Julião da Barra fica-nos à esquerda, e à nossa frente, em lonjura que a vista não abarca, estende-se a praia de Carcavelos, paralela à estrada, lançada em recta até à ponte da Rana, e a marginar as praias da Parede para ir abocar na Bafureira, sobrepondo-se à antiga estrada que, por exigências de trânsito e do turista, cedeu lugar à Estrada Marginal — obra que marca lugar de relêvo na valorização da Costa do Sol, contribuindo para o desenvolvimento das povoações que serve e para o aformoseamento da região, tão visíveis se apresentam os objectivos impostos ao traçado, onde a cada passo se cuidou em destacar pontos de vista.

Em Santo-Amaro-de-Oeiras

A praia do Lagoal, em Caxias

O QUE A ESTRADA MARGINAL PROPORCIONA AOS TURISTAS

A velha estrada, que serpenteia mais além, aqui e ali sacrificada no traçado por terras lavradas e casario, foi construída em recuados tempos para ligar a Capital a Paço-de-Arcos, Oeiras e Cascais, que mais burgos de monta não havia. Nasceram depois de a estrada e do *rail* cruzarem a terra erma. E surgiram airosos e branquinhos, a terra florida pelos jardins das vivendas a quebrar a monotonia da paisagem, de espaço em espaço agreste em sua nudez.

Ao longo da estrada, em pequenas rotundas abertas em desvios, vêem-se *parques de estacionamento,* evitando, desta sorte, que os automóveis se quedem na faixa de rolagem — larga de 12 metros — ladeada por espaçosos passeios, o do lado do mar corrido por balaüstrada.

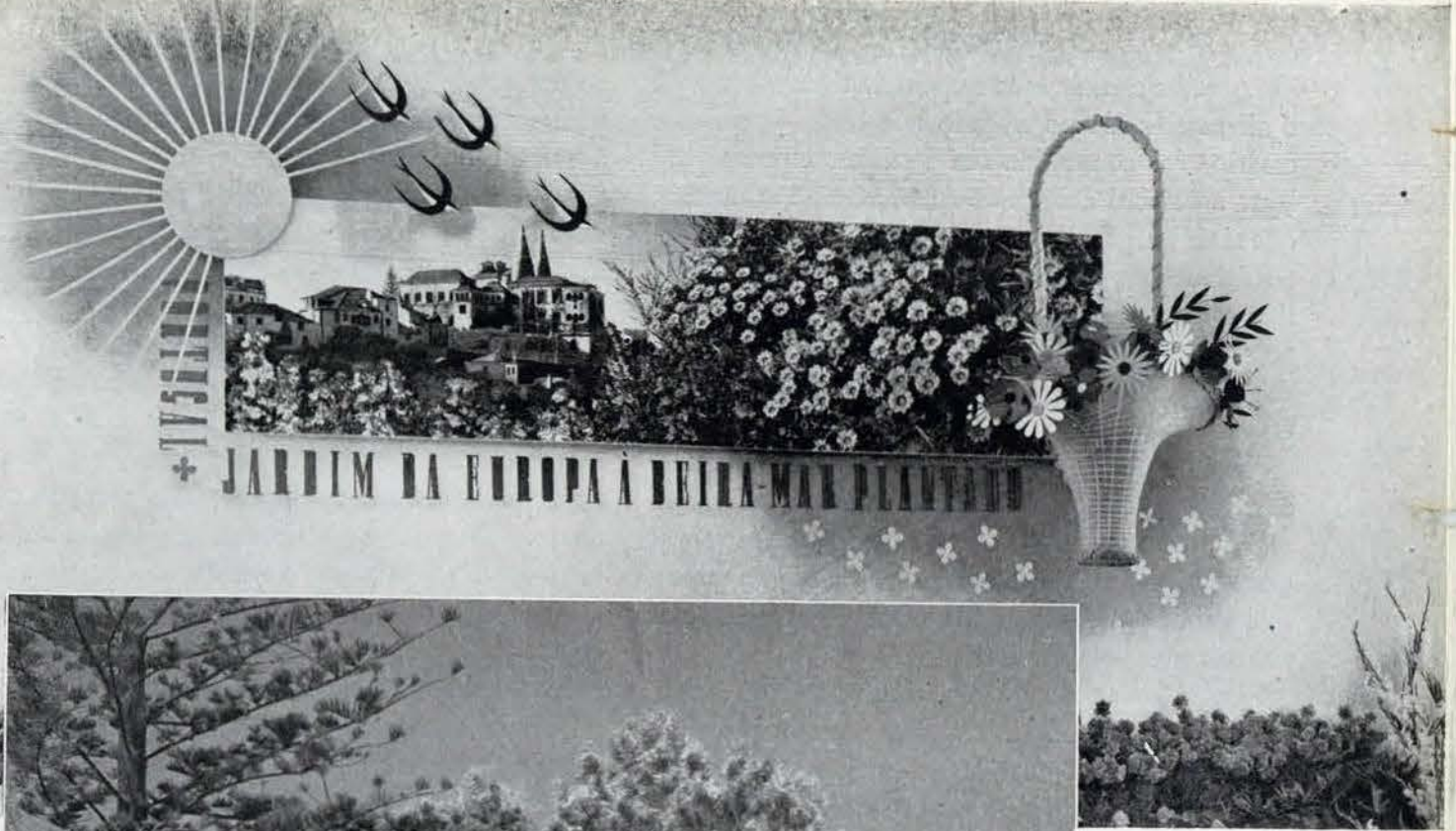
De longe em longe, arborizam-se terrenos marginais, enriquecendo a paisagem. Amanhã, o viandante encontrará, nos lugares mais belos, árvores sombreiras a convidá-lo ao repouso.

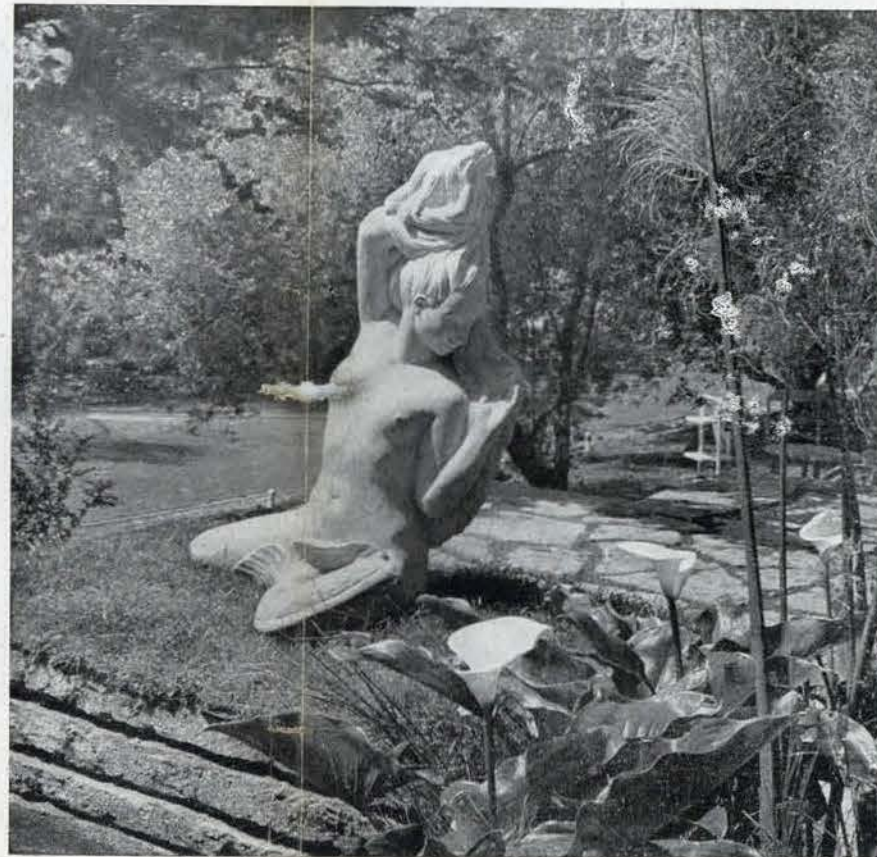
Da Bafureira a S. João-do-Estoril, — S. Pedro-do-Estoril, branquejando no tôpo de uma colina, ficou a dois passos — abrem-se novos horizontes, o Estoril lá em baixo, com *chalets* em ruas batidas por sol, defendidos dos caminhos públicos por grades e muros onde o roseiral se debruça; palácios ao longo da avenida embelezada de renques de palmeiras; o Casino lá no alto; e, em varanda sôbre a praia e o mar, o Tamariz.

Aqui e acolá, na correnteza da estrada, foram assinalados lugares para *estações de serviço,* com abrigos para automóveis e postos de venda de carburantes e lubrificantes. Ao lado, num pequeno *bar,* o turista encontrará ambiente confortável.

O *auto* continua a sua rota, rumo a Cascais, onde a paisagem oferece novos aspectos, com o verde forte da mata da Marinha a sobressair de entre a terra verde-claro de campina, salpicada de manchas de hortejo, a policromia do casario da vila e, ao fundo, a baía azul a morder a costa em sinuosidades caprichosas. Mais além, numa mutação brusca de cenário, a Bôca do Inferno impõe-se em tôda sua beleza bárbara.

Finda a jornada, que só a sugestão dos panoramas da terra e do mar tornou morosa, — a estrada, valorizada com várias obras de arte e muros de suporte e vedação que se alongam por 9 quilómetros, com acesso às praias por *passagens inferiores,* oferece atractivos de pista — o regresso a Lisboa, o sol a quebrar o seu anel de fogo para incendiar os longes do mar e do céu, é um saüdoso adeus à Costa do Sol.

No caminho de Cascais para o Estoril, a estrada atravessa uma das mais belas paisagens da Costa do Sol. — *Fotos Horácio Novais*

Segunda Exposição Nacional de Floricultura

Esta iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, que recentemente conquistou, pela segunda vez, a admiração unânime do público, foi enriquecida com uma importante novidade, destinada a orientar os proprietários particulares na arte de embelezar os terrenos ajardinados: — a secção de «exemplos de elementos decorativos de jardins». Vários escultores, decoradores, e industriais de cerâmica e de serralharia, sob a direcção do arquitecto Francisco Keil do Amaral, realizaram interessantes espécimes de ornamentação, como os que foram fixados por Mário Novaes nas fotografias que reproduzimos.

Um curioso espécime de trajo popular: — «Capucha»
Monsanto — A Aldeia Mais Portuguesa — Beira Baixa

Cliché Tom

A ALDEIA MAIS PORTUGUESA

PAÏSAGEM DE MONSANTO E DAS SUAS ALMAS

TRAGO ainda nos olhos a imagem impressionante de Monsanto, na primeira noite em que visitei o burgo, quando o acaso de uma reportagem me levou até lá, acompanhando o júri encarregado de descobrir a mais portuguesa das nossas aldeias.

Paúl tinha-nos recebido, na véspera, com miríades de lampadazinhas nas suas janelas, como se a ideia reflectisse, naquele momento, o céu coalhado de estrêlas. E era a mesma luz festiva nos olhos e nas bôcas entoando canções.

Monsanto; não. A aldeia aguardou-nos encapuchada no silêncio e no negrume. Pelas quelhas pedregosas os nossos passos adquiriam ressonâncias solenes. À direita e à esquerda, como fantasmas, como sombras, lobrigávamos vultos, de que mal distinguíamos os rostos. Nem uma luz, nem um grito! E a marcha continuava, na treva e no mistério.

O contraste dêstes dois nocturnos da Beira era profundamente chocante. No Paúl, amanhecera naquela noite. Em Monsanto, a noite fizera-se mais noite. Por isso, a primeira aldeia deu-nos a romaria e a segunda a romagem. Paúl foi écloga pastoril, Monsanto estrofe de glória. Naquele, as casas pareciam bailar na roda. As dos monsantinos subiam ao assalto do seu castelo inexpugnável. Paúl mirava-se no seu ribeiro, como moça garrida, amiga de namorar. Monsanto sonhava arremetidas heróicas, em momentos de gesta. Uma, era o corpo; outra, a alma de Portugal. Davam, assim, no conjunto — no seu negativo e no seu positivo — a imagem viva da Pátria.

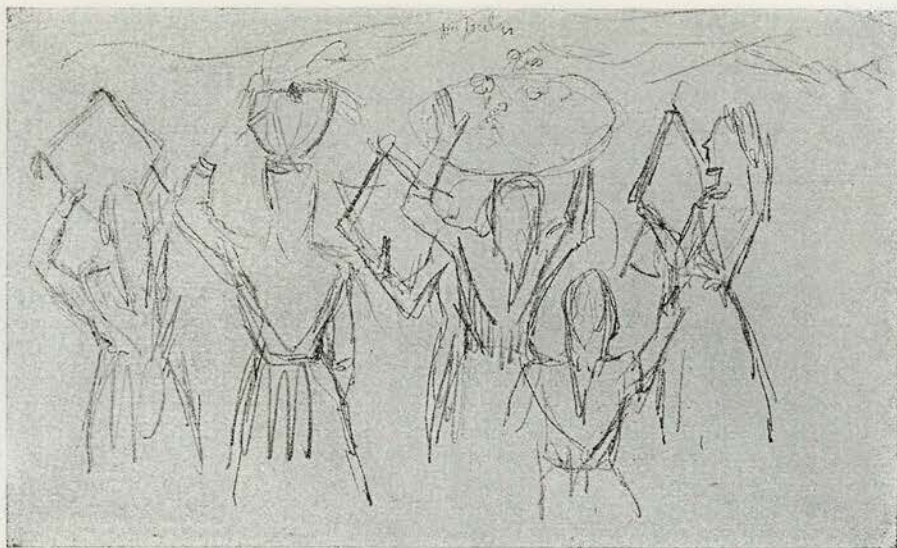
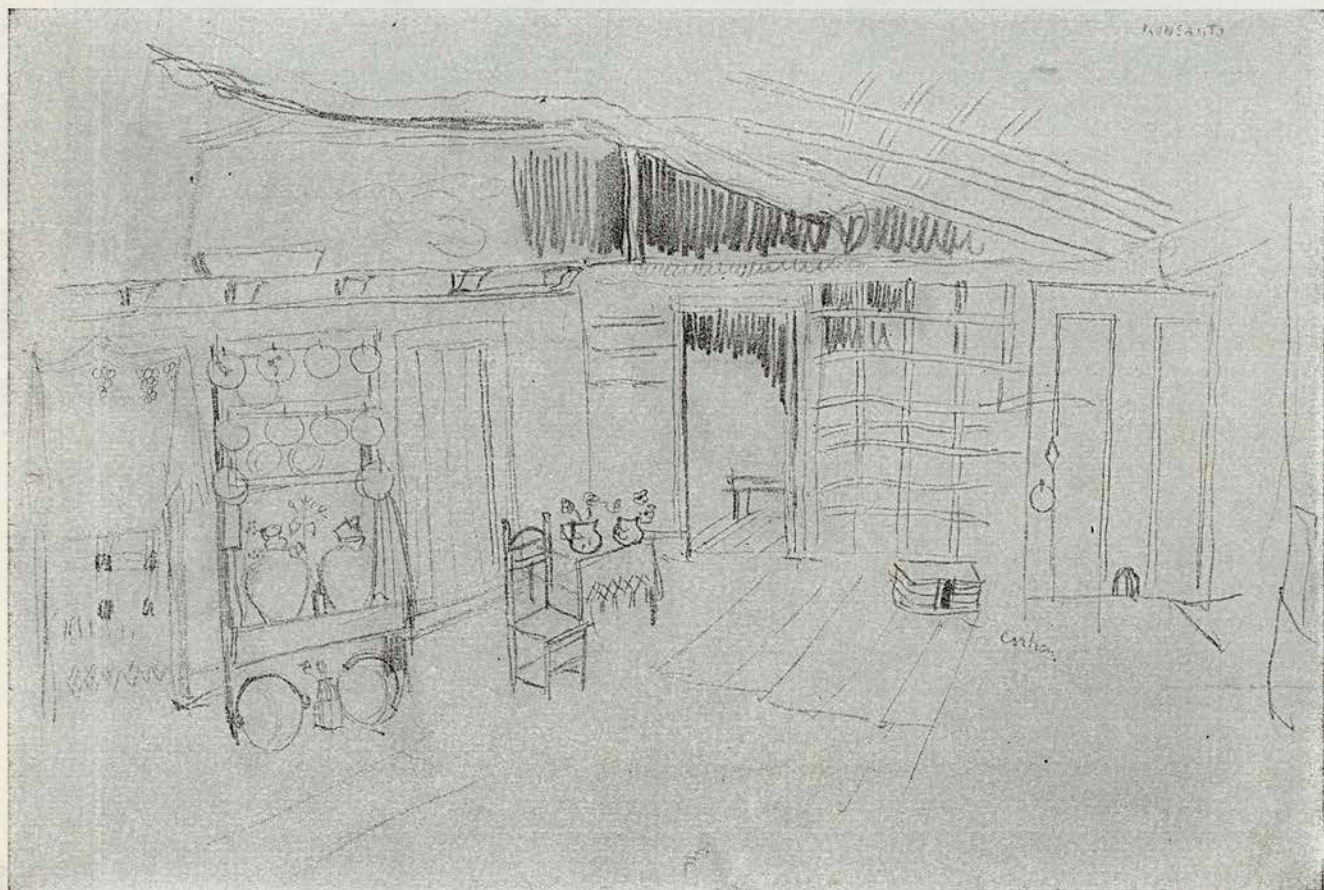
A tôrre onde foi colocado o Galo de Prata que o S. P. N. conferiu a Monsanto

Se a nós, portugueses da caravana, êste contraste impressionava até à comoção, aos estrangeiros causava ainda, naturalmente, maior surprêsa. Lembro-me de ter visto lágrimas nos olhos da escritora americana Edith Snow. E até o frio casal nórdico Geelmuyden, que seguia connosco, quebrou, por instantes, o «ice-berg» da sua indiferença...

André Villeboeuf, êsse, não ocultava, passada a hora do recolhimento emocional, o seu deslumbramento exuberante. Relendo, agora, o seu belo livro «Le Coq d'Argent», tenho a

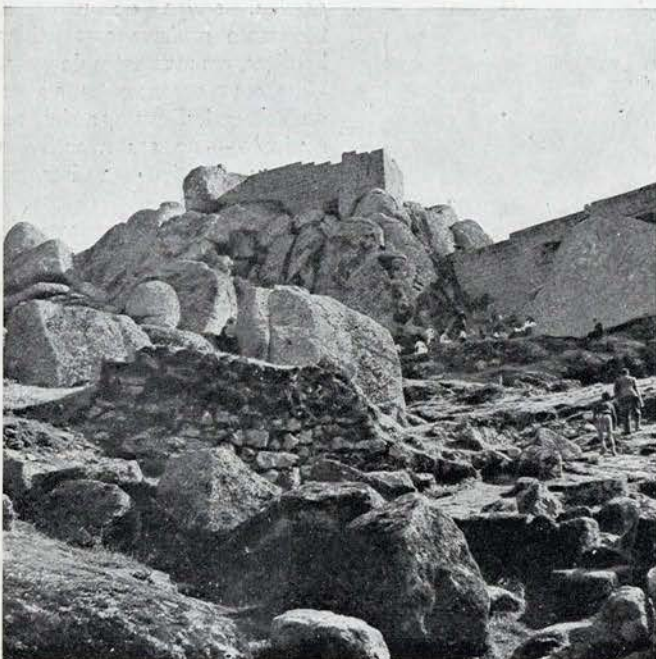
rama. Sob um vento fustigante, o horizonte estende-se até perder de vista, como vaga desdobrando-se para o infinito. Dir-se-ia estarmos na barquinha de um balão cativo.»

Após a noite densa, quási de mêdo, fôra a vibração triunfal do meio-dia. Dali, dessa barquinha de que fala Villeboeuf, olhávamos, em êxtase, a paìsagem circundante, que apanha já terras de Espanha. Sentíamos todos que o castelo permanecerá inexpugnável, enquanto o seu guarda, o monsantino, souber defender, como bandeira festiva, o seu amor à terra e às vozes ancestrais — sem deixar, evidentemente, de abrir os braços ao progresso civilizador.

ADOLFO SIMÕES MÜLLER

Mulheres de Monsanto tocando adufes

Interior de casa monsantina. — Apontamentos de Paulo Ferreira

Casa dos priores

impressão de o estar ouvindo ainda, no seu entusiasmo febril, traçando no ar largos gestos, como a querer desenhar o que descrevia. E é Monsanto que surge na sua rigidez de estátua:

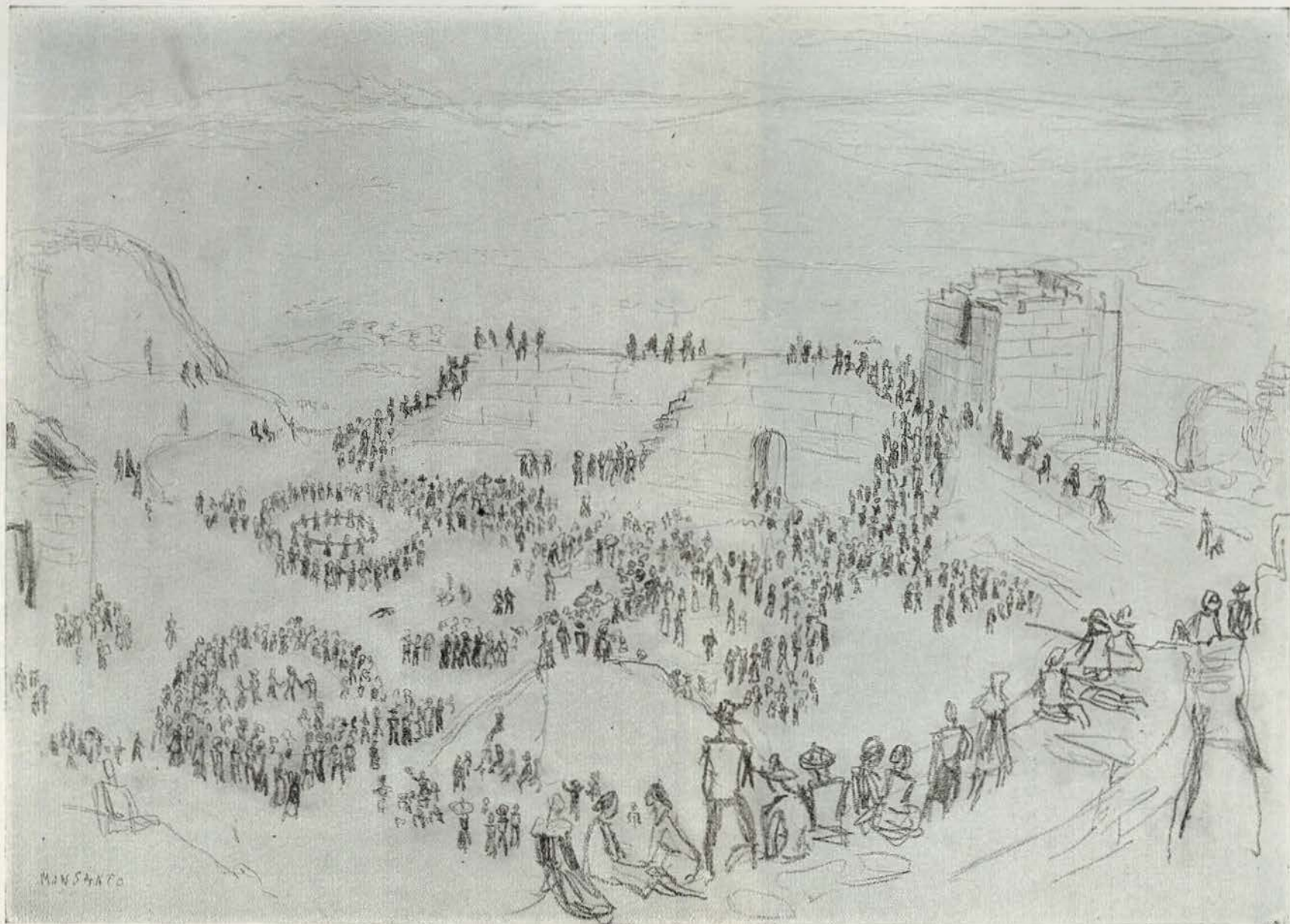
«Num plaino ligeiramente montanhoso, a aldeia aninha-se no flanco de um pico, estalagmite monstruosa que, em dias de céu baixo, atravessa as nuvens. As suas casas de telhas vermelhuscas trepam em caracol ao longo do castelo. Muitas delas, simples trogloditas, parecem enterrar-se na parede, em sinal de mau humor. É que Monsanto não sabe sorrir! Monsanto tem a pele coriácea e tem mau génio; sabe-o bem, e não faz segrêdo disso. As suas muralhas, mil vezes cercadas, jamais cederam. Pesada herança de glória, julgareis, que deve dar à gente de Monsanto não pequena arrogância! Desenganai-vos. Apesar do ambiente rugoso, lê-se nos olhos dos seus habitantes docilidade e, desde que se não sintam observados, certa indiferença melancólica.»

O castelo domina a imponente paìsagem

Tipos de Monsanto

Depois, esta visão dos homens, do elemento humano integrado na paìsagem:

«Em Monsanto abundam os camponeses que, num abrir e fechar de olhos, transformam a sua placidez em energia. Basta um rufar de tambor, uma estrofe de velho romance, e ei-los capazes de cantar e dançar horas a fio, sem que uma gota de suor lhes corra pela face. As danças portuguesas não têm, bem sei, aquela fúria das de Espanha, que esvazia os pulmões e quebra as vértebras; mas, quanto ao ritmo, excedem largamente em velocidade as nossas danças rústicas. Uma vez terminadas, a melancolia reaparece. Nem mais um sinal de alegria! A seriedade reencontra nas rugas dos rostos o seu trilho habitual. No dia seguinte, esta gente empunhará, como na véspera, a rabicha do arado.»

A apoteose monsantina não é contada, mas pintada, vigorosamente, por Villeboeuf:

«Àparte pequenos pormenores, as festas de Monsanto oferecem os mesmos hábitos, as mesmas cerimónias que as do Paúl; impregnadas, no entanto, de mais solenidade, acabam, ao fim do dia, por uma alegoria excepcionalmente grandiosa. É preciso ter visto o início do espectáculo, de longe, na planície, para se avaliar bem como Monsanto, bloco insólito, rodeado de caminhos pedregosos, se assemelha a uma tôrre de Babel que uma multidão imensa, vinda dos quatro pontos cardiais, tomasse de assalto. É num ritmo veloz, em passadas de caçador alpino, por caminhos de cabra e atalhos, que se faz a escalada; e dir-se-ia, ao contemplar o enorme cabeço, um torrão de açúcar sùbitamente coberto de formigas trepando em espirais para o cimo... Já a vanguarda dos assaltantes ocupa o alto da cidadela, velha fortaleza de numerosas cêrcas, amontoado de pedra e de granito a que o tempo quebrou os dentes, e ainda a retaguarda se encontra nas primeiras muralhas. É com ela que inicio a subida. Valendo-se das mãos e dos joelhos, de talude em talude, um bando de garotos fura, alegremente, por entre as pernas dos orfeonistas esbofados, de trombone às costas e tambor rufando aflitivamente. Subimos. Uma capela romana corta-nos o caminho. Mais uma volta, e continuamos a subir. Atinge-se a primeira muralha; e quando, chegados à terceira, nos debruçamos daquele ninho de águias que é a fortaleza, surge-nos um majestoso pano-

Festa popular em Monsanto. — Página de álbum, de Paulo Ferreira

Rio de Janeiro

por Luís Norton

Em parte alguma do mundo, conhecido ou sonhado, podemos admirar quadro de mais estranha beleza do que o panorama que se avista do «Corcovado», monte sagrado do Rio-de-Janeiro, onde a estátua de Cristo, erguida no alto andor da floresta, a tocar o Céu, parece abençoar, em privilégio, a maior maravilha da Natureza.

Se um dia Deus te conceder a graça de lá subir, repetirás, em êxtase, o que um grande pintor exclamou com arrebatamento: «Nunca senti que os meus olhos valessem tanto...»

Mundo de outro mundo sobrenatural pareceu-nos aquêle cenário de magia, quando o vimos pela primeira vez. Nunca mais poderemos deixar de vê-lo.

*

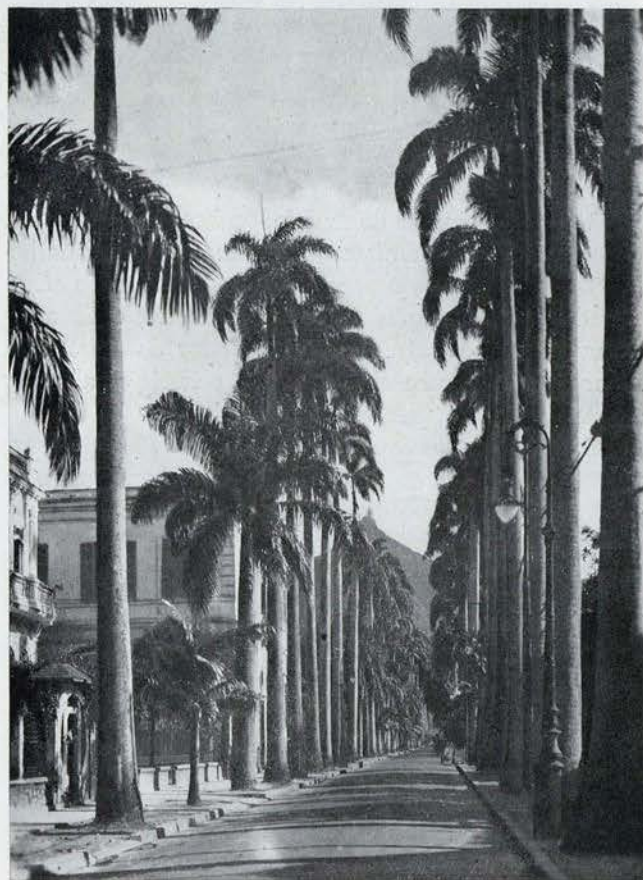
A primeira sensação que tiveram os portugueses que descobriram o Rio-de-Janeiro, foi uma sensação de temor. Compreende-se bem. Deparando com a larga baía de Guanabara, «vasto boqueirão» cercado de «horríveis penhascos», altas montanhas hirsutas e disformes, sustadas junto do Atlântico, em atitudes dramáticas, com impenetráveis florestas misteriosas, tudo ali parecia païsagem de outro mundo. Ainda hoje, se, mentalmente, despovoarmos a cidade de tudo o que de humano e acessório nele se incorporou; se a reduzirmos à sua expressão exclusivamente telúrica, sentiremos a mesma emoção de terrífica, deslumbrante surprêsa. Espanto, quási terror, deviam aquêles portugueses ter sentido. Devassaram um lugar da Terra, que mais parecia ser mansão de gigantes, lugar para um concílio de Deuses e mitológicos sacrifícios propiciatórios, povoado de divindades e monstros, abantesmas e bisontes. Tudo isso, a nossa imaginação concebe ali, em presença daquela distribuïção teatral de colinas e montanhas carregadas de vegetação, que se encarapinha, densa, com tons de verde profundo. Por entre o casario da cidade moderna, nalguns morros de conformação variada, há ainda largas manchas de floresta virgem na «Tijuca», no «Corcovado» e entre a «Urca» e o «Pão de Açúcar». Para o interior, distante, altos e acumeantes serros formam a «Serra dos Órgãos», com os seus proféticos «dedos de Deus». À luz crepuscular a païsagem parece ainda mais irreal. Um halo violáceo nimba os morros e amacia os seus contornos duros até ao mar. Saem da floresta, das suas quentes e

Praia Copacabana

Que diferente de Portugal é a paĭsagem daquela terra, onde o sol nasce todos os dias do lado do mar, incendiando o Atlântico e enchendo de luz ardente, num imenso clarão, as casas da cidade! Para os portugueses é uma brusca mutação de cenário. Do outro lado do mar, na sua Pátria, o sol ergue-se de mansinho, do lado de Espanha, e desperta, entre brisas frescas, a paĭsagem lisa, as colinas mansas, os verdes tenros das terras lavradas, os viçosos talões de hortas, os olivais de cinzentos esmaecidos, os pomares rescendentes. Tudo é diferente, como é diferente o ar macio das nossas aldeias de rústicas fontes, à beira de pinheiros balsâmicos e soitos, como é outra a luz e a côr do Céu. A nossa paĭsagem é mais espiritual? Não sabemos dizer. Certamente, é menos grandiosa, menos avassaladora, mais bucólica.

No Rio-de-Janeiro, síntese do Brasil, o que nos surpreende é a arquitectura colossal da paĭsagem, a vegetação paradisíaca, a exuberância de seivas, a luz intensa, o ar denso, canicular. Junto da floresta, cuja fecundidade o calor gordo e a humidade multiplicam, incessantemente, temos consciência das secretas e horríveis lutas que nela travam os cipós e trepadeiras coleantes, as árvores assassinas «mata-pau», tôda aquela flora excessiva, para conquistar um lugar e surgir ao Sol, ora subindo aliciante e traiçoeira, como serpente, ora enroscando-se em húmidas penumbras, cantos de aves multicolores. É um recanto do Paraíso terreal!

A Ilha Paquetá

Praça Marechal Floriano

A famosa Rua Paysandú

lances de crispação aflitiva. Assim irrompem de um solo fertilíssimo, sôfregas de vida, milhões de plantas tropicais, num profundo caos de vegetação. Carregadas de seivas, têm um crescimento rapidíssimo para, dentro em pouco, logo que chegam à sua maior pujança, vergarem, pesadas, cheias de «lassitude»! Eis porque — diz-nos Raúl Lino — «as linhas gerais desta paisagem são arredondadas e maciças. Os tufos de bambu elevam-se em farto repuxo verde que logo cede ao próprio pêso, pendendo para o chão, como que exprimindo o poder criador e ao mesmo

O Cristo do Corcovado

O majestoso e incomparável panorama do Pão de Açúcar

tempo a fôrça absorvente dêste solo ubérrimo. Durante muito tempo procurei a palavra única que nos desse a síntese da paisagem brasileira; eu sentia-a debaixo da língua, até que, finalmente, a soube pronunciar: — lassitude». A esta *lassitude* brasileira opõe-se, talvez, o *verticalismo* da vegetação europeia.

*

Se a paisagem entra na psicologia do povo e condiciona a sua mentalidade, a *lassitude* que se observa na flora brasileira há-de influir no feitio dos brasileiros. Certo é que o génio criador dêstes soube integrar no grandioso cenário natural do Rio-de-Janeiro uma grande cidade moderna com todos os progressos da urbanização e todos os requintes e exigências da civilização actual.

Nada falta nesse aspecto ao Rio-de-Janeiro para ser uma das mais civilizadas capitais do Mundo. Mas onde encontrar uma cidade melhor encastoada? Junto do mar, espelhando-se nas águas calmas da baía da Guanabara, com praias e ilhas de sonho, florestas virgens, onde flores e fôlhas de mil côres refulgem; à sombra de morros de configuração singular, o Rio-de-Janeiro é a primeira cidade do universo. Cidade de maravilha, que os nossos navegadores descobriram com os olhos de assombro; que Estácio de Sá fundou com sacrifício heróico da sua vida; onde os nossos viveram de glória; fundaram o primeiro Castelo, o primeiro Colégio e a primeira Misericórdia; ensinaram a rezar, a ler e a lutar; cidade que um Rei Português engrandeceu com a sua presença e outro Rei Português tornou independente.

Queremos-te muito! O teu panorama de sonhos é como a nota vibrante de um sino conhecido que nos transporta, na sua alacre ressonância, a um mundo de emoções inesquecíveis, e nos inspira a orgulhosa alegria de te havermos descoberto!

Lisboa, 3 de Junho de 1941.

LEVEM AS CREANÇAS PARA O SOL

Foto Manfredo

O Sol ensina a observar . . .

Foto Vinagre

PORTUGAL, país de sol; Portugal, pátria da luz e da claridade... Eis dois «sloggans» que não têm apenas mera intenção publicitária, de turismo. Na verdade, parece que o sol se refugiou, desde sempre, no nosso país.

Mas nós não o conhecemos. É preciso que venha um estrangeiro a Lisboa e nos diga: — «Vocês possuem o sol mais belo da Europa. Os vossos campos têm as côres mais lindas que tenho visto nas minhas andanças pelo Mundo». Festejamos logo o estrangeiro, concordamos, muito lisonjeados — e continuamos a voltar costas ao sol. Tem sido sempre assim.

Decerto, as coisas estão, hoje, muito melhores. Quando tínhamos desassete ou dezoito anos, passávamos as tardes no Café — e o Café, sem dúvida, é muito pior do que o Cinema. Passávamos as tardes no Café, a discutir política ou literatura. Lá fora, havia sol, ar livre, tardes de verão, como estas, mas com menos preocupações do dia de amanhã. E os rapazes dêsse tempo iam para o Café, fugiam da luz e da claridade, e convenciam-se de que tinha chegado a sua hora de agir...

Junto do mar, ao sol, as crianças tornam-se mais saüdáveis, mais alegres, mais felizes. Os seus sorrisos ficam, assim, espontâneos e fotogénicos.

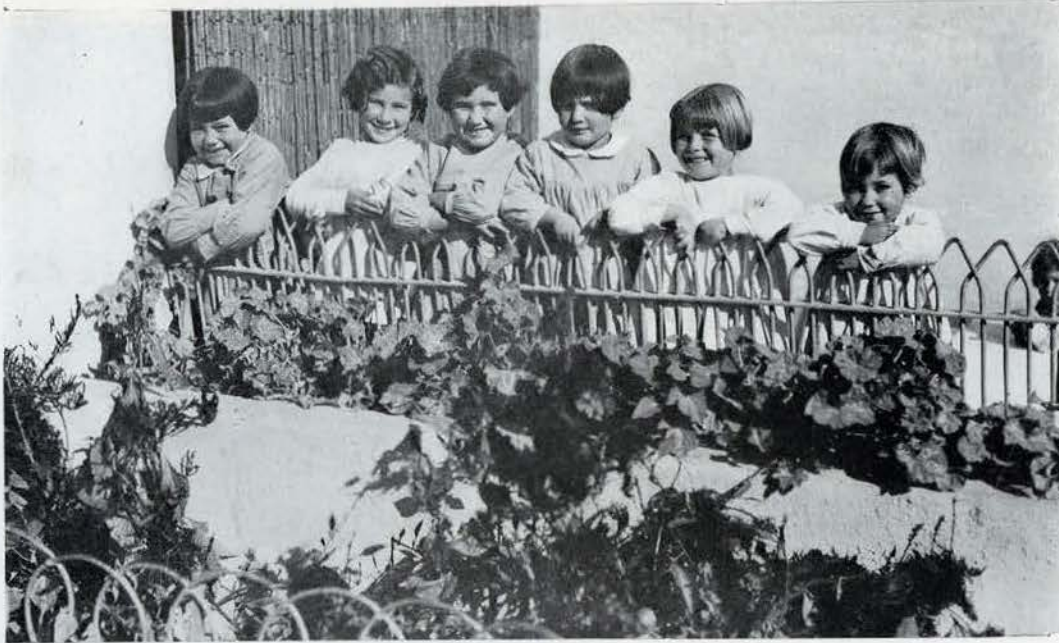
(Foto Manfredo Ascher)

Há pouco, ainda, os jornais noticiaram que várias secções da *Mocidade Portuguesa* haviam aproveitado um período de descanso para subirem à montanha e acamparem, mais perto do céu, longe das lutas que diminuem o homem e das preocupações doentias que o inferiorizam. Depois de terem descoberto o Mar, os rapazes da *Mocidade* descobriram a Montanha. Grande lição, extraordinário ensinamento. Portugal tem, na ver-

Nem tôdas as despedidas são tristes — *Foto Manfredo*

O trabalho é para o branco . . . Fotos *Horácio Novaes*

dade, paisagens e situações «para todos os gostos»; um litoral vastíssimo e frondoso, orlado, tantas vezes, por largos pinheirais; dunas de areia em que vive, distante, o eco musical das ondas; serras que se erguem, num cântico ascensional; alcantis penhascosos e rudes; fragas rígidas, severas, onde o homem só pode chegar dificilmente. Ao sul, os grandes planaltos, onde oscila, ao vento brando da tarde, a elegia heróica do pão. Ao norte, as largas escadarias dos vinhedos durienses ou a harmonia mágica da terra verde do Minho...

Mas se a *Mocidade* já partiu para a redescoberta do País,

Antes na varanda do que dentro de casa. — Mas no jardim é preferível. — *Foto Horácio Novaes*

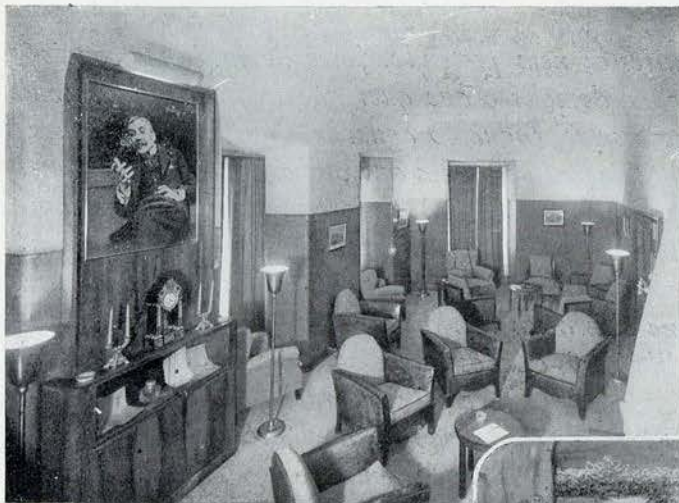
nem tôda a gente aprendeu a conviver com o sol. Conhecem-no, saüdam-no, festejam-no os estrangeiros que vivem entre nós ou os que, acidentalmente, nos visitam. Mas, para as camadas de portugueses mais velhos, o sol ainda não é *persona grata*. Um símbolo: as persianas, sempre corridas, de certas casas antigas, onde se foge da luz. Estas pequenas coisas têm, também, o seu significado. Era preciso gritar aos pais de família: — levem os vossos filhos para o sol! Era preciso citar-lhes o exemplo de certos países do Norte, em que — à falta de melhor — se *inventa* a luz solar, ou se procura substituí-la com radiações eléctricas. Era preciso, finalmente, lembrar-lhes que só o ar livre, só o convívio com a terra integral pode fazer *homens*.

Grande alegria dos olhos e da alma são, por exemplo, êsses *Parques Infantis* de Lisboa, que nos recompensam de certas ignorâncias de uma população errada. Os *Parques Infantis* são uma extraordinária realização humana, obra de uma mulher que os concebeu no seu espírito de Mãe — e que os realizou num acto de Poesia. Quando passamos, à tarde, em S. Pedro de Alcântara, e nos debruçamos sôbre a cidade, os nossos olhos não procuram logo o recorte das colinas, ou aquêle monumento de infinito que o Tejo, lá em baixo, faz romper pela cidade dentro. Ali mesmo, da varanda inferior, sobem até nós os risos e as canções das crianças do bairro. Vemo-las, nos seus bibes lavados, junto ao pequeno lago adormecido. E é nelas que procuramos a mais pura imagem da Primavera, a presença do sol que já declina.

Os acampamentos da *Mocidade*, os desportos náuticos no Tejo, os *Parques Infantis* representam traços de união lançados entre o Portugal de hoje e o Portugal de amanhã. Mas era preciso que os pequenos portugueses fôssem, desde o berço, educados no amor saüdável do ar livre, no culto da altitude e das puras alegrias da vida natural e simples. Em vez de levarem as crianças para as casas de espectáculos, devem os pais ensinar-lhes que só na devoção do «claro sol, amigo dos heróis», as almas se retemperam e os corpos se vivificam.

LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

Círculo EÇA DE QUEIROZ

por Joaquim Paço d'Arcos

O salão onde se realizam as conferências e os concertos

Rua Serpa Pinto, mesmo à beirinha do Chiado, uma porta discreta, uma escada vulgar, atapetada. Lá dentro um «interior» agasalhado, cómodo, de certo luxo despido de tôda a ostentação. Maples *largos, juntos a um fogão que aquece, no inverno, os corpos e as conversas. Estantes com bons livros, aguardando ainda outros que virão, a pouco e pouco, preencher os vazios.*

«Círculo Eça de Queiroz», uma tentativa simpática que é já consoladora realidade. Idéia feliz de dois ou três, obra de algumas dezenas que se reüniram, quais Homens de boa vontade, para que na cidade, absorvida e gasta nas lutas da vida moderna, e também no seu materialismo e no seu prosaísmo, que tudo nivela e amesquinha, um ponto houvesse em que se pudesse conversar, como Eça e os da sua geração ainda conversavam, pelo simples deleite espiritual do convívio. O «Círculo Eça de Queiroz» foi uma reacção da inteligência

Uma cena dos «Maias». Painel de Bernardo Marques

No inverno, junto ao fogão, a conversa é mais fluente...

O 202 de «A Cidade e as Serras»

O «Primo Bazílio» no Passeio Público. — Painéis de Bernardo Marques

e do bom gôsto contra essa deformação dos benefícios que a civilização industrial nos trouxe e que levou o Espírito a lançar-se à descoberta de todos os prodígios que haveriam de o asfixiar.

O «Círculo Eça de Qeiroz» não lançou um manifesto; nem pretende, forte de ingénuas convicções, demolir o que quer que seja. Abriu duas ou três salas, enquanto aguarda a ampliação das suas instalações (espera a que o obriga a sua não qualidade de capitalista), decorou-as com gôsto e com leveza, foi ao figurino do Smith — que tôdas as manhãs transmitia as notícias do Times *a Fradique, na altura em que o barbeava — e uniformizou de libré dois criados correctos, instalou um fogão para as tardes frias, e esperou que os lisboetas se compenetrassem de que para além da rádio, do cinema e do* foot-ball, *existe outro prazer, afinal o mais excelso por ser o mais delicado: o do convívio da inteligência.*

Aproximando homens das mais diversas profissões, dando-lhes um teto e um ambiente acolhedor, tirando aos literatos, com imperceptível mordacidade, o seu excesso de literatice, incutindo aos técnicos, com jeito mundano, um pouco de interêsse literário, limando arestas, aproximando os espíritos, o «Círculo» colhe da obra do seu patrono um ensinamento salutar: Teme por igual o Conselheiro Acácio, o primo Bazílio e o Dâmaso Salcede. Quere, singelamente, que os seus componentes e todos que à sua sombra benéfica pretendam acolher-se, gentes da capital, portugueses de além-serras e estrangeiros de arribação, encontrem um recanto aprazível onde possam discutir idéias, comentar a vida, olhar o mundo e «o nosso semelhante», sem ódios, sem malquerenças, talvez com aquela irónica benevolência com que o Eça nos julgou a todos e, através das suas páginas imortais, continua a julgar-nos.

Algumas relíquias do autor da «Relíquia»

Fábulas e Parábolas de Turismo

Os três donos do moinho do Zé'Lexandrino

O Zé 'Lexandrino foi, como já estão a calcular, o primeiro dono do moinho do Zé 'Lexandrino. Deve-se desde já dizer que, nessa altura, não tinha história muito especial para contar. Era um moinho, como há milhentos, por êsse Portugal adiante.

O Zé 'Lexandrino tinha vindo para o Casal Novo de Cima, ainda o Casal Novo de Cima não passava do prédio e da quinta do Maia brasileiro, e de sete ou oito casuchas, aninhadas à sua beira, como pinto à volta de uma galinha. Era homem amigo de fazer pela vida, poupado e ambicioso.

E era esperto — ou não fôsse êle saloio, e da Malveira, segundo costumava anunciar a quem lhe preguntava onde nascera e engatinhara.

Numa certa ocasião, como visse que as gentes do Casal Novo de Cima, e do Casal Velho de Baixo, e de muitos outros casais da freguesia de Oliveirinha, iam longe — légua e meia bem contada — mandar moer suas colheitas de trigo e milho, começou a futurar que era negócio erguer moinho ali perto e pô-lo em faina. Havia, no alto, baldio folgado e muito batido pelos ventos, de modo que... Falou do caso ao brasileiro, que lhe deu aplauso e lhe arredondou, por empréstimo, uns cobres arrecadados; vieram trolhas e carpinteiros de Oliveirinha e da Vila, e, dois meses depois, se tanto, o moinho do Zé 'Lexandrino já principiava a moer farinha de tôdas aquelas redondezas, batendo no azul do ar, asas mais brancas do que asas brancas de pombas. Nêle ganhou Zé 'Lexandrino, embora trabalhando — salvo seja! — como um burro, muito e grosso dinheiro. E teria sido outro Maia, sem haver ido aos Brasis, se não fôra a desgraça de topar já na dobra dos cinqüenta, — idade muito má para amorios — certa moça bonita e matreira, que lhe comeu em doces e gastou em fitas e laços, para encantar outros, quanto o parvoinho ganhava. Nos últimos anos da sua vida, dava pena vê-lo, a penar à porta do moinho, como êle muito perro, muito rabujento, as velas grisalhas e tôdas remendadas, a gemerem quando o vento lhes pegava e as fazia bailar de roda.

O moinho do Zé 'Lexandrino por seu passamento desta para melhor transitou a segundas mãos — às mãos de um filho do Maia — quando a herdeira, ainda moça, e ainda bonita e matreira, antes queria mais doces, mais fitas e laços, do que essa inútil bizarma no alto do povoado. Maia filho deu por êle tuta e meia, e lembrou-se, primeiro, de o destinar a arrecadação de pipas de cal e cimento, para obras em que andava sempre metido. Mas como a porta não agüentava empurrão de vagabundo, e conseqüentes piratarias do que nêle houvesse, pronto

deixou de pensar no pobre casebre e por seu alto o deixou ficar ao abandono. Com êste segundo dono — Maia filho — o moinho do Zé 'Lexandrino também não teve, nessa altura, deve-se igualmente di-

zer, história muito especial para contar. Era um velho moinho abandonado, como há dúzias e dúzias dêles, por êsse Portugal diante.

O vento, que fôra seu amigo, agora como inimigo o tratava, rasgando-lhe o resto das velas, tirando-lhes as telhas, andando, noites e noites inteiras, de braço dado com a chuva, a despedaçá-lo, aos bocadinhos. Por outro lado, transformado, pouco a pouco, em valhacouto de mendigos e de vadios, alfurja de negros amores, e sentina de passeantes e passantes, o moinho do Zé 'Lexandrino, só pedia — porque pedia — alívio a suas agruras e tristuras, com fim benéfico de picareta e de camartelo. É que era uma afronta à paìsagem dessa região tôda esmerada, semeada de pinhais e terra de cultura, tôda salpicada de casalejos muito brancos; uma afronta às vistas que de ao pé dêle se enxergavam, longes de terra e mar, panorama de muita maravilha; uma afronta a Portugal, país de turismo.

Foi nessa altura da sua vida, e precisamente por um grande maduro de Oliveirinha se pôr a pensar nestas coisas afrontosas, que o moinho do Zé 'Lexandrino passou a terceiras e derradeiras mãos. Êsse grande maduro, o Doutor Oliveira de Oliveirinha, pertencia à Comissão de Turismo da Câmara Municipal do Concelho.

Seus pais não estavam muito pelos ajustes. Mas êle, com aquela na tineta, é que não desistia.

De Maia Filho, conseguira a cedência do pardeeiro ao preço que o houvera da menina das lambarices e dos laços — umas centenas parcas de escudos. Fizera um projecto do arranjo e um caderno de encargos. Traçara, com entusiasmo, um plano de exploração. E tanto fêz e teimou que, num belo dia — sob a ameaça de abandonar os trabalhos da Comissão, para ali, até êsse momento, inútil como um paspalho — conseguiu vitória por três votos contra dois.

Passada uma semana, o moinho do Zé

'Lexandrino entrava na posse do seu terceiro dono — a Comissão de Turismo da Câmara Municipal da Vila. Um ofício, para Lisboa, aos serviços de Turismo do S. P. N., rogando o apoio dessa alta repartição, trouxera com o seu beneplácito o arquitecto Jorge Segurado, conhecido do Dr. Oliveira, que aplaudiu seus planos, sorriu ao caderno de encargos, fêz medições, «croquis», e retornou a Lisboa, donde em pouco vinha a planta definitiva do moinho-pousada e uma verbazita para arredondar o orçamento da obra. De novo de Oliveirinha e da Vila, subiram trolhas e carpinteiros. A Comissão consentia, complacente e indiferente, o desenrolar daquela madurice do colega doutor.

Ao cabo de mês e picos, o Zé 'Lexandino, se ressuscitasse, nem sabia que tinha ali sido o sítio de suas alegrias e canceiras. O seu moinho estava um brinco. Três ventaninhas, ao alto, davam-lhe arejo e claridades. Lá dentro, esvaziado e alindado, era um riquíssimo quarto de cama — com dois leitos — cadeiras, mesa, tudo no estilo florido do mobiliário alentejano. Ao fundo, uma cortina de ramagens, encobria um recanto afundado no muro, casa de banho completa. Porta forte e chapeada garantia quem lá poisasse de indiscrições ou intrusões noturnas de ratões ou ratoneiros. E um jardinzinho, cá fora, à volta, abraçava-o com muita alegria de verdura e flores.

Depois — idéias também do Dr. Oliveirinha — o moinho-pousada ficava à guarda do povo do Casal Novo de Cima, e entregue, especialmente para limpeza, arrumação e conservação, à mãi da Maria das Dores e à Maria das Dores, moça escarolada e desembaraçada que vivia em casa distante duzentos metros, tinha a chave, essas obrigações, e a de registar a identidade e o número do automóvel (pois só a automobilistas se destinava) dos seus freqüentadores de cada noite, para efeitos de qualquer prejuízo pelos quais cada um dêles se obrigava, assinando o registo, a responder.

Podia também Maria das Dores, de manhã, servir aos pernoitantes bebidas, pão, mel e manteiga para a dejejua — a preços módicos, tais como os das dormidas. Enfim, a Comissão de Turismo, seis meses depois, deixava de sorrir; louvava o Doutor Oliveira de Oliveirinha e nomeava-o seu Presidente, e o moinho de Zé 'Lexandrino — velho moinho abandonado, como tantos por êsse Portugal fora — passava a ter história digna de ser contada, pois nunca, nem nos tempos de maior e melhor faina do Zé 'Lexandrino, tinha dado tão boa maquia.

Praias

NAS praias do nosso litoral encontram-se sempre lugares tranqüilos, onde se pode brincar e ser feliz, longe da indiscreta curiosidade dos outros. Até nas de população mundana e cosmopolita, como a do Estoril, é possivel descobrir a solidão e concentrar o espírito na repousante serenidade da paisagem. A dificuldade, para quem não está prêso a qualquer delas — pelo hábito ou por razões de conveniência — reside, sòmente, na escolha. Porque são numerosas e diversíssimas; porque tôdas têm fisionomia própria e encantos especiais; porque estão, na maioria, abrigadas dos ventos agrestes; e, ainda, porque são acessíveis, saüdáveis e pitorescas.

Os grupos que se vêem nesta página optaram pelo vasto areal da Cova do Vapor.

1939 — «A Sesta». Desenho adquirido pelo Museu de Arte Contemporânea

almada

trinta anos de Desenho

1911 * 1941

PARA qualquer homem que atingiu, conscientemente, o apogeu da maturidade, trinta anos de vida é uma vida inteira. Se é artista ou poeta, se é um ser criador, impõe-lhe o destino, em dado momento, completa revisão da obra realizada.

Foi o que Almada fêz agora. Debruçou-se nos seus desenhos e reconheceu ter valido a pena dar ouvidos ao que o seu Anjo da Guarda, a todos os instantes lhe dizia: — «Anda! Começa já! começa já a cuidar da tua presença!» Daí, êsse importante acontecimento que foi a recente exposição (no estúdio do S. P. N.) de «Trinta anos de desenho».

Quem, ignorando a biografia do artista, tão rica de experiência humana, soube observar, profundamente, o desenvolvimento cronológico dos trabalhos seleccionados, sem dúvida compreendeu que Almada, em relação a uma época antes dêle começada e ainda por terminar, é um dêsses casos nacionais de espantosa e perturbante imparidade. Um artista que sempre exigiu tudo de si mesmo, numa tensão permanente de sondagem, descoberta e renovação. — Futurista? Claro que o foi, mas só pela razão de ter sido, num país prenhe de memória, numa idade parasitàriamente histórica, o maior inimigo do lugar comum, do convencionado, do fácil, do bonitinho, do aparencial. Noutro sentido, foi e é apenas um grande artista moderno. E chega.

A sua personalidade evoluíu rìtmicamente, naturalmente, como uma árvore. Quando se diria que a germinação estancou, surge uma flor inédita, um fruto inesperado. E tudo a caminho de uma simplicidade mais pura, mais forte, mais profunda.

Na origem, vê-se um poeta cuja exuberante fantasia e múltiplos recursos de expressão não cabiam, totais, no seu tempo de vida, e que foi levado, por isso, a escolher, a apurar e a exprimir o mais sensível dos seus dons: a visualidade.

1925 — Retrato de Guilherme de Faria

1928 — Auto-retrato

1940 — Ilustração

O que representa, como valor social, a individualidade criadora de Almada, pode, talvez, resumir-se dêste modo: — Se a palavra *mestre* não se empregasse, quási sempre, entre nós, senão para qualificar os artistas que ensinam aos outros os processos da sua arte, podíamos e devíamos chamar-lhe «mestre Almada Negreiros».

CARLOS QUEIROZ

1940 — «Mulher deitada a escrever uma carta»

CAMPANHA DO BOM GÔSTO

Os fins de semana fora da cidade já são mais apetecíveis com estalagens típicas e acolhedoras, como a do LIDADOR, em Óbidos. — Composição e decorações de Paulo Ferreira.

As fotografias que ilustram estas páginas mostram-nos dois aspectos totalmente diferentes de bom gôsto ornamental.

Aqui, um pormenor da sala de jantar da *Estalagem do Lidador* (realização do S. P. N.), em Óbidos, onde se nota um feliz aproveitamento de produtos da nossa arte popular.

Claro que se trata de um género de decoração que só está indicado para aquêles estabelecimentos que, dentro ou fora das cidades, adoptem a culinária tradicionalmente portuguesa. As características arquitectónicas e ornamentais, o mobiliário, as louças, os talheres e todos os utensílios nêles empregados, devem, quanto possível — além de obedecer, no conjunto, às regras elementares da lógica e da estética — harmonizar-se com a païsagem, a arte, os usos e os costumes das respectivas regiões.

Convém, ainda, não esquecer que esta espécie de bom gôsto implica *veracidade regional* e que, portanto, é incompatível com as falsas e despropositadas *estilizações folclóricas.*

Um pormenor de interior em que Tomás de Melo (Tom) soube conjugar, harmònicamente, o antigo com o moderno

(Foto Mário Novaes)

NESTA página vêem-se dois interiores de uma casa particular, de que é proprietário o Sr. José de Abreu Reis. Também aqui se observa um justo predomínio da sobriedade na ornamentação, a que não foi completamente alheia a nossa arte popular.

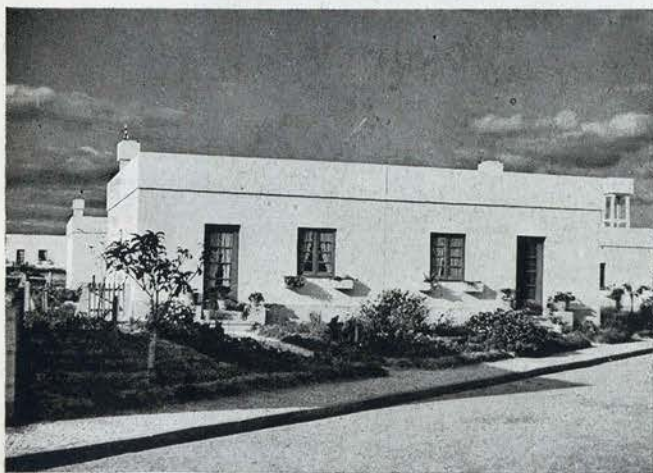
A porta de ferro forjado que separa — na gravura do alto — duas dependências da casa, é obra de artífices portugueses especializados no género, que trabalham sob a direcção técnica do operário João Esteves. O desenho da porta e do mobiliário, bem como o arranjo decorativo das salas, são do artista Tomás de Melo (Tom).

O luxo é evidente, mas discreto. A impressão geral é de confôrto amável. Nada que grite ou que tente impor a sua presença com hostilidade ou petulância. Nenhum objecto se ostenta, como se dissesse: «disto não tens tu na tua casa!...».

É, portanto, o contrário daquele estilo chamado *novo-riquismo,* que se vê em casas de habitação onde não falta nada, a não ser o bom gôsto: — pesadíssimos móveis, almofadas e tamboris por todos os cantos, «maples» donde as visitas não sabem como hão-de sair, «bibelots» agressivamente expostos, como as montras dos «bricabraques»...

Dois interiores de requintado bom gôsto — Arranjo de Tom.

Não é cinema: - É realidade. — Foto de Denis Salgado

As crianças brincam defronte das «suas» casas. — Foto José Augusto

Olhão. — O proprietário desta Casa Económica é um pescador
(Foto Marques da Costa)

Em recente viagem pelo sul do País andaram jornalistas a ver e a anotar aspectos da vida económica portuguesa, extraordinàriamente engrandecida com a criação dos Bairros Económicos e das Casas do Povo e dos Pescadores.

O passeio começou pelos Bairros Económicos de Lisboa — pequenas vilas dentro da cidade. Os bairros da Ajuda, do Alto da Ajuda e de Belém, já conhecidos, recebéram de novo a visita dos representantes da Imprensa, que puderam agora observá-los sem o ar festivo de recepção, melhor revelados pela naturalidade da vida de todos os dias.

Seguiram-se as Casas do Povo e Bairros Sociais de Arcos, de Vila-Viçosa, de Ferreira-do-Alentejo e de Cuba e, no último dia, as Casas dos Pescadores e os Bairros de Olhão e Portimão, com características acentuadamente regionais.

Os jornalistas foram acompanhados, em todo o percurso, pelo chefe dos Serviços de Imprensa do Secretariado da Propaganda Nacional e pelos chefes de repartição das Casas Económicas e das Casas do Povo e dos Pescadores, que os elucidaram àcêrca dos pormenores da actividade funcional dos respectivos organismos.

É justo salientar-se, antes de mais nada, a importância desta iniciativa do S. P. N., porque dela resultou êste benefício concreto: muitos daqueles cuja principal missão consiste em esclarecer o público, através da Imprensa e da Radiodifusão, àcêrca dos acontecimentos e realizações de interêsse nacional, poderem declarar que viram e é digna de ver-se uma das obras mais significativas e duradouras do Estado Novo: — a obra de assistência social.

As monografias e os relatórios, (principalmente quando acompanhados de ilustrações, de mapas, de índices e de estatísticas), constituem, sem dúvida, fontes indispensáveis de informação e excelentes meios de propaganda. Haja em vista o álbum que há poucos meses foi editado com o título de «Bairros de Casas Económicas», no qual se encontram documentados numerosos aspectos da arquitectura, dos arruamentos, dos jardins e dos interiores, em interessantes gravuras, precedidas de um prefácio do Dr. Pedro de Castro e Almeida, e de um mapa des-

Casas Económicas

Janelas abertas para a vida

Por dentro, são assim. — Foto Alvão

criminativo da actividade dos serviços a seu cargo, desde 1934 a 1940. Todavia, por mais objectiva e pormenorizada que seja a documentação, o conhecimento directo, o contacto pessoal, que, embora rápido, foi possível tomar-se com os Bairros de Casas Económicas na Estremadura, do Alentejo e do Algarve, permite-nos reconhecer que a boa impressão sentida por quem se limita a apreciar êsses documentos fica muito aquém da admiração que a realidade nos inspira.

Visitaram-se, como dissemos, os bairros económicos da Capital, de Vila-Viçosa, de Olhão e de Portimão. As moradias que os constituem, lá estão, lá as vimos, como foram superiormente idealizadas: *pequenas, independentes e habitadas em plena propriedade por muitas centenas de famílias.* Ao todo, 927 casas e 4.297 moradores, incluindo os adquirentes.

Não é fácil dizer qual dêsses bairros nos pareceu, arquitectònicamente, mais certo ou mais agradável do que os outros — não só porque o bom gôsto presidiu à construção de todos êles, mas ainda porque houve, da parte de quem os concebeu, a justa preocupação de os construir de harmonia com o carácter da paisagem local e a psicologia da população. Assim, na mesma província — o Algarve — encontram-se dois aglomerados completamente diferentes: no de Olhão, as casas, geomètricamente alinhadas, são tôdas iguais, caiadas de branco e de terraços lisos, como as típicas construções da vila; no de Portimão, reina a variedade, no alinhamento, como no estilo das moradias (nas quais predomina o alpendre florido, de tradição portuguesa), e a policromia, desde o vermelho ao côr-de-rosa pálido, com alguns prédios pintados de amarelo, outros de verde claro.

Em todos êles, o mesmo asseio irrepreensível, a mesma simplicidade de vida, a mesma atmosfera de felicidade doméstica. Graciosas cortinas nas janelas, onde os moradores se debruçam com sorrisos afáveis. Junto de cada casa, nas trazeiras, um

Tôdas as casas têm jardins. — Foto Alvão

Uma casa de Portimão, com o típico alpendre português
(Foto Marques da Costa)

bocado de terreno, que alguns transformam em pequenas hortas, com árvores de fruto, e outros preferem ajardinar, esmerando-se no capricho do desenho e do colorido dos canteiros. Nos bairros dos pescadores predominam os jardins; nos bairros de população mista ou de trabalhadores rurais predominam as hortas.

Em Olhão é um prazer caminhar nos arruamentos das traseiras das moradias, onde difìcilmente se encontram dois jardinzinhos parecidos. Assim, vistos a distância, parecem, antes, comprido jardim de canteiros pegados uns aos outros, longo mostruário das mais viçosas flores portuguesas.

Defronte das casas, nos largos e nas ruas, brincam, alegremente, crianças. Com largos chapéus de palha, fazem rodas, cantam e jogam, confraternizando com as crianças de outros bairros. Sente-se, por tôda a parte, que a vida decorre serenamente, com sentido de camaradagem e espírito de hospitalidade.

Além disto, a exacta compreensão dos princípios essenciais da higiene e a conta certa do confôrto. As ruas estão limpas, as crianças lavadas e decentemente vestidas, os interiores arranjados com esmero.

Hoje, o pescador, o trabalhor rural, o operário, o empregado — sócios das Casas do Povo e dos Pescadores, ou dos Sindicatos — e o funcionário público até certa categoria, já podem, a par de outros benefícios, possuir um lar independente, uma casa própria e aprazível.

Todos os bairros têm assistência médica gratuita, com consulta no pôsto clínico privativo e visita domiciliária. Há, também, uma escola privativa, para as crianças de ambos os sexos. É êste o maior edifício dos bairros das Casas Económicas: amplo, arejado, com janelas rasgadas para os canteiros de flores que o circundam.

Em cada bairro vive um fiscal, que tem por missão atender às necessidades dos adquirentes, logo que os casos cheguem, por qualquer modo, ao seu conhecimento. Mas todos vão mais longe; todos ultrapassam o âmbito das suas funções. Assim, por exemplo, o fiscal das Casas Económicas de Olhão: é um homem de cinqüenta e poucos anos, de aspecto saüdável e simpático; aprendeu jardinagem, pratica-a no terreno privativo da sua moradia e no largo amplo do bairro, que um simples cruzeiro domina; mais ainda: ensina o que sabe aos outros moradores, estimulando-os a cultivar os seus jardins, com geometria variada; acompanha os filhos dos proprietários e aconselha-os a brincar com as crianças de outros bairros, que ali passam os domingos, em rodas festivas e jogos animados — mas respeitando as flores e as plantas dos canteiros, tanto como a êle próprio... A vida dêste homem é um exemplo e um símbolo.

No Bairro Económico da Ajuda, em Lisboa. — Foto Marques da Costa

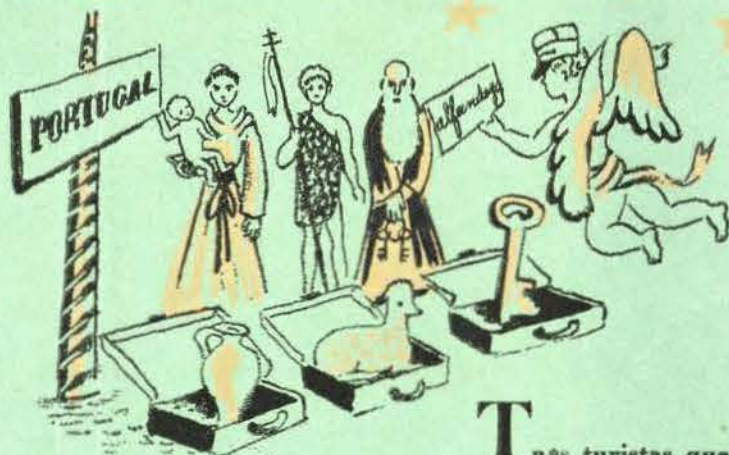
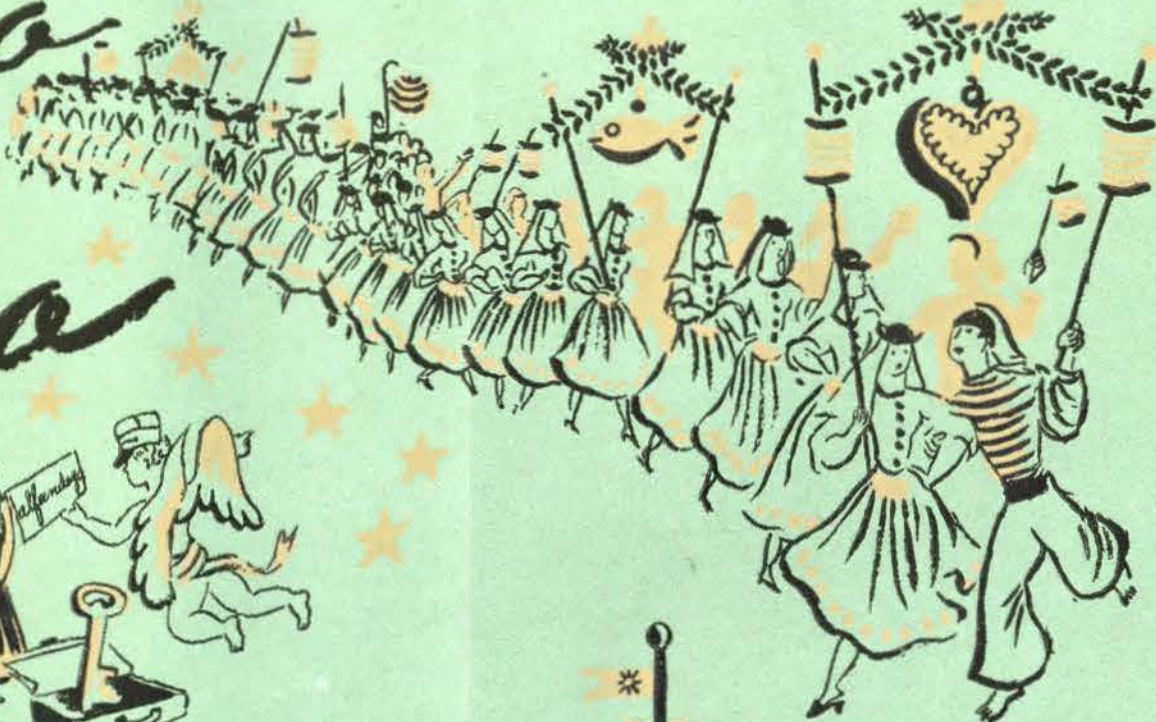
S.t Antonio S.t João S.t Pedro

Santo António é a treze,
São Pedro a vinte e nove;
São João a vinte e quatro,
Por ser a festa mais nobre.

Santo António com ser santo,
Também teve os seus amores;
Quando os santos namoricam,
Que farão os pecadores?

Duas noites há no ano
Que alegram o coração:
É a noite de Natal
E a noite de São João.

Se São Pedro não negara
A Cristo, como negou,
Outro galo lhe cantara
Melhor que o que lhe cantou.

Santo António protector
O perdido faz achar.
Eu perdi o meu amor,
Outro amor hei-de encontrar.

TRÊS turistas que todos os anos visitam Portugal e que são sempre recebidos festivamente, com bailes, marchas, cantigas e fogo de vista. As crianças adoram-nos. O povo consagra-lhes quadras — muitas das quais ficam, para sempre, no nosso cancioneiro.

São João adormeceu
Nas escadinhas do côro;
Deram as freiras com êle,
Depenicaram-no todo.

Tão velhinho e grave
De cabeça ao léu,
Tem São Pedro a chave
Para abrir o céu.

Santo António me acenou
De cima do seu altar;
Olha o maroto do santo
Que também quere namorar!

NAZARÉ
TEMA INESGOTÁVEL
POR ACÁCIO LEITÃO

Como os pescadores levam os filhos. — Foto Deniz Salgado

POR umas vinte léguas em redor — e em redor porque também, certamente assim lhe chamam muitos dos que por ali passam no mar — a Nazaré é simplesmente *a Praia*.

Tôda a gente sabe o lugar que se designa quando se diz: «vou para a Praia...», «esta sardinha é da Praia...», «conheci-a na Praia...».

Entretanto, a curta distâncias, para Norte e Sul, as praias sucedem-se nesta costa, tão pitoresca e inconfundíveis que não se atina logo porque será aquela, apenas e distintamente, *a Praia*. Lá está Peniche, que as velhas muralhas da fortaleza abraçam, o seu *Portinho do Revés* parecendo mesmo um quadro de imaginação em que apetece às crianças brincar com os barquinhos; lá adiante os altos penhascos dos *Remédios*, lançados para o mar, a que as legendárias Berlengas, em frente, dão inesperada graça; S. Martinho-do-Pôrto, a baía a que o povo, com propriedade chama «a concha», a praia das crianças, à sua proporção, recorte de fantasia, encostada aos mais altos montes da costa portuguesa; S. Pedro-de-Moel, à orla da floresta, o Pinhal de El-Rei D. Dinis, aconchegado no vale e espreitando nas cristas, entre pinheiros, seu alto farol sôbre o mais alto penedo, de onde dois mares se avistam: o mar sem fim das verdes águas inquietas, e o verde-negro mar das ramadas sussurrantes...

Vieira e Pedrógão, praias abertas, sem abrigo, ainda à vista do Pinhal de Leiria — aquela a morrer de velhinha, com as suas grandes barracas sôbre estacas, fim de cidade lacustre ou pôrto fenício, à concorrência desta que começa a enfeitar-se e a vencê-la, até no azar e sorte com que o mar lhes dá peixe.

Mas só a Nazaré é, genérica e caracterìsticamente, «a Praia». Será a praia do milagre, ou a da pesca abundante? a mais antiga, ou a que em tempos foi da moda? a maior entre as mais próximas, ou a de melhor história?

É que na Nazaré, como em nenhuma outra, tudo é praia e mar: a paìsagem e a povoação, as ruas, e os interiores, a pele queimada dos pescadores e os seus olhos azues, côr de longe, reflectindo longe, interrogando o longe, e os corpos das mulheres e o seu rítmico andar, graça escondida sob trajos escuros de tragédia, e as suas danças histéricas, e as suas canções — vivo contraste de música nervosa, alegre, e letra nostálgica, de fatalidade e naufrágio — e os barcos, as barcas, os batéis, os galeões, o céu, o ar, a luz, a côr... tudo é marinheiro, tudo é marinho, tudo é mar!

Ali, na Nazaré, o mar não só se vê e escuta; respira-se, sente-se, vive-se, com tal vibração e sugestões que quem um dia apenas lá tenha passado, quando se lembra ou sonha com o Mar, é o mar da Nazaré.

É tal a influência do mar naquela gente que, à partida os pescadores, chamam *entrar*, e ao encalhe chamam *sair*, considerando, intuitivamente, que não é a nossa terra o seu elemento, o seu lugar, a sua vida...

Se não podem ir ao mar, para o qual nasceram, ficam na inércia, incapazes de outra actividade, inábeis para qualquer outra profissão; e se não têm a *cabana* para arrumar, a rêde para consertar ou tecer, vão para a taberna, sentam-se e deitam-se nas mais inconcebíveis atitudes de indolência e apatia, e ali lhes leva a mulher ou a filha o bocado de pão e a lasca de peixe sêco assado, com que, demoradamente (ora conversando sôbre as coisas do mar, ora olhando o mar estàticamente), bebem pela garrafa, a golos de saboreio, o litro de vinho tinto, que nem por isso os anima ou excita demais.

Mas se o mar amansou, se a «rabiosa» amainou, se os agua-

Os barcos da Nazaré, sempre prontos para entrar no mar, foram fixados por Kisling no quadro que esta gravura reproduz — Foto Horácio Novaes

ceiros passaram, se veio o «chamador», que até às noites lhes vai bater às portas à ordem do arrais, todos saltam da sua indolência para a rua e para a praia, correm às «cabanas» — de onde trazem remos, rêdes, aparelhos — e já empurram os barcos com as costas, («oh salha!..., oh salha!..., oh salha!...»), e lá vão, à voz enérgica do arrais («rema!..., rema!..., rema!...»), retezando os músculos, como cordas, alheios à incerteza de voltarem, ou de andarem horas agarrados a um remo, porque o batel se virou *de quilha arriba,* indiferentes aos perigos da entrada e da saída, ali no *Suprum* ou no *Canto das Viúvas,* onde com um *mar perdido,* na *carreirinha,* num abrir e fechar de olhos, se afunda uma barca e a *aguaje, aquêle ladrão de mar, leva sem dó, três, quatro,* cinco homens da companha...

Lá vão, vestindo simplesmente a blusa escorrida e as ceroulas atadas no tornozelo — diferentes sempre nos seus xadrezes coloridos — sem uma algibeira, para não oferecer pega a ferros que os arrastariam com o barco no *naufrájo,* e o grande barrete prêto, com enorme borla pendente, que é o depósito de todo o necessário: o tabaco, os fósforos, as mortalhas, um novelo de fio, uns anzóis, o dinheiro...

Investigar a ignota, a incógnita origem desta gente, que é evidentemente de uma raça que não se encontra senão noutros lugares do litoral (em Ílhavo, na Póvoa, em Buarcos), raça que raramente se cruza com qualquer outra e a Nazaré conserva mais pura e concentrada, seria o primeiro trabalho de científico interêsse para quem desejasse produzir obra séria desta singular peça de museu, de múltiplos aspectos.

Estudar as suas tradições, os seus costumes, a linguagem (quási se pode dizer o dialecto), o folclore, a vida íntima e as grandes horas dinâmicas e dramáticas dali, da borda-de-água, desde o arranjo original e limpíssimo das casas ao frenesi gritado e de super-excitação das fainas da pesca e dos momentos de perigo, seria trabalho para anos de observação e estudo.

Um exemplo para definir: Um dia encontrei na praia um homem que dava um nó na ponta de uma corda. Preguntei-lhe como se chamava o nó e para que servia. Ficou mais de meia

O Sítio *não é apenas um dos mais surpreendentes pontos de vista do nosso litoral, mas de todo o mundo. Não somos nós quem o dizemos: são os estrangeiros que nos visitam.* — Foto Mário Novaes

Kisling esteve, há meses, em Portugal. Visitou a Nazaré e ficou deslumbrado. Dos óleos que pintou e expoz no estúdio do S. P. N., o Museu de Arte Contemporânea preferiu o jóvem nazareno que esta gravura reproduz

Óleo de Eduardo Malta, adquirido pelo Museu de Arte Contemporânea. — Raparigas da Nazaré, fotografadas por Denis Salgado

hora a dar nós, a dizer-me os nomes e a explicar-me as funções de algumas dezenas dêles...

Certos costumes e actividade até variam com as estações.

Basta, porém, passar algumas horas na Nazaré para se observar e sentir como a *Praia* é rica de motivos e temas para artistas e homens de letras.

A paisagem é surpreendente. O morro do Sítio, a pique sôbre a praia, recorda ainda o legendário milagre que salvou D. Fuas Roupinho e dali, na pequena capela entre duas fragas, que domina o mar e a costa, a praia e a povoação, a Senhora da Nazaré olha, por uma fresta, pelos pescadores e pelos seus lares, pelos barcos e pelas rêdes, que andam nas voltas do mar, ali ou na *Cana do Noroeste*, na Baía-dos-Tigres ou na Terra-Nova.

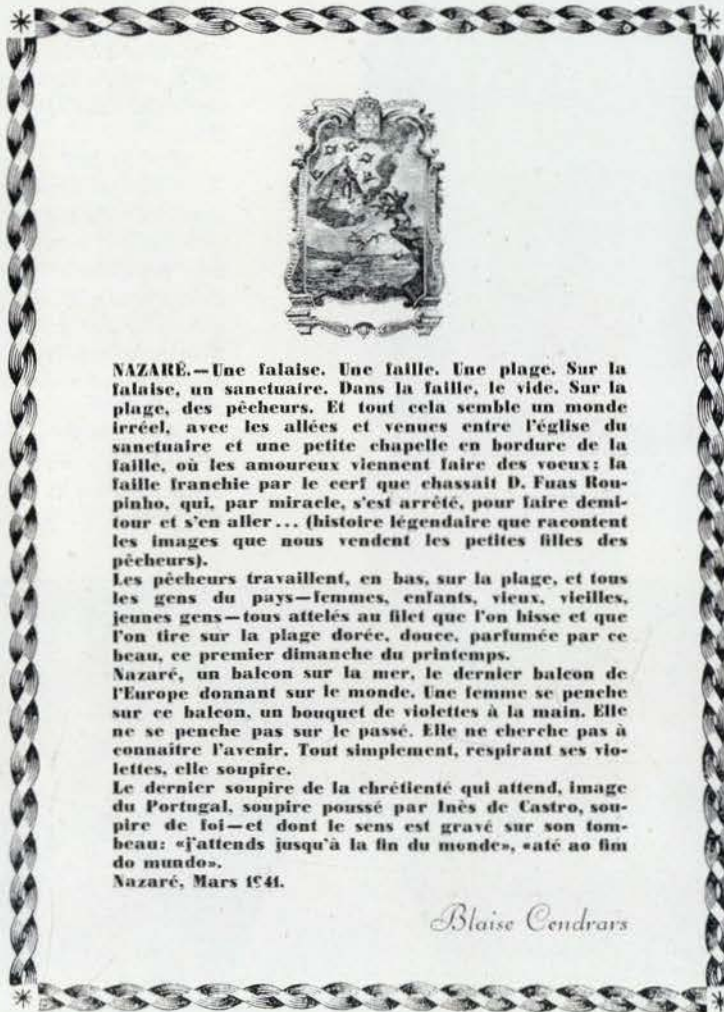
Depois, o quadro, a aguarela, o baixo relêvo, a novela, o poema, o drama, estão ali a cada instante, a cada esquina, a cada encontro com a gente e com a paisagem.

Por isso a Nazaré tem apaixonado os espíritos que, ao acaso da memória, recordo, nas suas passagens pela *Praia*.

Raquel Roque Gameiro, distinguindo a graciosa vivacidade dos pequenos — os miúdos vestidos de gente grande — que as mãis encavalitam nas ancas, passam aos ombros dos pais e brincam, brincam já com o mar e com o perigo; Lino António, fixando, em alguns quadros muito flagrantes, cenas da vida dos pescadores, à luz, ao sol e à côr da Nazaré; Eduardo Malta, pintor de elegâncias, descobrindo-as também entre a gente dêste povo. Mestre Sousa Lopes, ainda ùltimamente ali encontrou alguns modelos para os seus homens do *infante;* Guilherme Filipe, chegado à Nazaré há anos, por lá ficou a pintar; um pintor americano, John Barber, também foi por dois dias e ficou dois anos.

Leitão de Barros realizou um belo documentário, em que a acção é superiormente escolhida, ali, entre os episódios da faina da pesca, na *borda-de-água.*

Alfredo Cortês, nos três actos de «Tá-Mar», dramatizou três frisos de costumes, de grande observação.

Finalmente, entre os estrangeiros, Vasques Diaz, Kisling e Blaise Cendrars—ainda há poucos meses — encontraram a Nazaré como uma surprêsa, um dos lugares mais pitorescos, característicos, sugestivos e belos das costas da Europa; a Nazaré, série infindável de quadros em vibração, em delírio, dinamismo vivo e tragédia latente; a Nazaré luminosa e colorida; a Nazaré, entressonho e alucinação...

NAZARÉ.—Une falaise. Une faille. Une plage. Sur la falaise, un sanctuaire. Dans la faille, le vide. Sur la plage, des pêcheurs. Et tout cela semble un monde irréel, avec les allées et venues entre l'église du sanctuaire et une petite chapelle en bordure de la faille, où les amoureux viennent faire des voeux: la faille franchie par le cerf que chassait D. Fuas Roupinho, qui, par miracle, s'est arrêté, pour faire demi-tour et s'en aller... (histoire légendaire que racontent les images que nous vendent les petites filles des pêcheurs).

Les pêcheurs travaillent, en bas, sur la plage, et tous les gens du pays—femmes, enfants, vieux, vieilles, jeunes gens—tous attelés au filet que l'on hisse et que l'on tire sur la plage dorée, douce, parfumée par ce beau, ce premier dimanche du printemps.

Nazaré, un balcon sur la mer, le dernier balcon de l'Europe donnant sur le monde. Une femme se penche sur ce balcon, un bouquet de violettes à la main. Elle ne se penche pas sur le passé. Elle ne cherche pas à connaitre l'avenir. Tout simplement, respirant ses violettes, elle soupire.

Le dernier soupire de la chrétienté qui attend, image du Portugal, soupire poussé par Inès de Castro, soupire de foi—et dont le sens est gravé sur son tombeau: «j'attends jusqu'à la fin du monde», «até ao fim do mundo».

Nazaré, Mars 1941.

Blaise Cendrars

Bailados Portugueses em S. Carlos

Um dos mais animados momentos do bailado «Litoral». — Música de Afonso Correia Leite. Cenários e figurinos de Maria Keil do Amaral

Para a coregrafia da «Sonatina», do grande compositor espanhol Ernesto Halffter Almada compôs um cenário e figurinos admiráveis

No curto espaço de quinze dias teve o público de Lisboa ensejo de admirar duas séries de espectáculos de bailados, de elevado sentido teatral, ainda que de bem diversa expressão artística.

A 12, 14 e 15 de Junho passado, tiveram lugar, no Teatro Nacional de S. Carlos, as festas de beneficência a favor de Casa de S. Vicente, promovidas por uma comissão composta por Senhoras da nossa sociedade e animadas pela Senhora Condessa de Mafra, em que tomaram parte algumas dezenas de meninas e rapazes.

Com o imprevisto, a espontaneidade, a frescura e a graça próprias da gente nova, êsses espectáculos eminentemente musicais, marcaram pelo gôsto distinto e sóbrio dos cenários e da indumentária, da mímica e da coregrafia.

As partituras do romântico Carnaval *de Schumann (transcrito para orquestra, expressamente, por Luiz de Freitas Branco), da característica* Sonatina *de Ernesto Hallfter, e do típico* Litoral *de Afonso Correia Leite e Francisco de Mello Breyner, alcançaram notável brilho na execução da Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pela batuta empolgante e firme do maestro Pedro de Freitas Branco, conferindo aos espectáculos elevada categoria artística.*

Paul Sziiard, primeiro bailarino dos «Bailados Russos», procurou dar à coregrafia, dentro das tendências da sua arte, a orientação da escola clássica italiana, conseguindo fazer, com um esfôrço, uma persistência e uma energia admiráveis, verdadeiros prodígios, em que a precisão e o gôsto, nas marcações dos grupos e de certas danças isoladas, tiveram o condão de entusiasmar, gravando-se na memória dos assistentes, como formosíssimos trechos de arte plástica.

A cenografia, a iluminação e a indumentária de Almada Negreiros, Maria Keil do Amaral e Roberto de Araújo, tiveram a distinção própria da categoria dos espectáculos e do Teatro.

Uma cena do «Carnaval» de Schumann, com interessantes figurinos e cenário de Roberto de Araújo

Além de muitas vocações que se nivelaram ou apagaram no corpo de baile e em pequenos números de dança, devem destacar-se os temperamentos excepcionais de Maria Manuel Cascão de Anciães, Maria Rey Colaço Robles Monteiro, Maria Teresa e Maria Cristina Morales de los Rios Frois, Maria do Rosário Bustorff Silva e Mariana de Castro Pereira de Carvalho.

Na semana seguinte, e no mesmo palco do nosso primeiro teatro lírico, realizaram-se os espectáculos da segunda temporada do grupo de bailados portugueses Verde-Gaio, *brilhante realização do Secretariado da Propaganda Nacional, notàvelmente organizada e dirigida pelo nosso grande corégrafo e bailarino Francis.*

Conquanto fôssem conhecidos já três dos bailados exibidos na primeira temporada, os espectáculos de 1941 alcançaram retumbante e merecido êxito, tão acentuados foram os progressos e, principalmente, admiráveis as danças do Passatempo *e os dois bailados novos:* O Homem do Cravo na Bôca *e* A Dança da Menina Tonta.

Os argumentos, de Fernanda de Castro, Carlos Queiroz, Francisco Lage, Adolfo Simões Müller e Paulo Ferreira, encontraram belas, justas e harmónicas representações plásticas na cintilante coregrafia de Francis; nas magníficas partituras de Ruy Coelho, Armando José Fernandes, Jorge Croner de Vasconcelos e Frederico de Freitas; nos cenários, nas luzes e nos figurinos de Bernardo Marques, Paulo Ferreira, Maria Keil do Amaral, José Barbosa e Tomás de Melo (Tom).

Francis, a sua «partenaire» Ruth e o seu grupo de bailarinos, isoladamente e nos conjuntos, tiveram a graça e a elegância, a decisão e a disciplina que fazem dos espectáculos Verde-Gaio *verdadeiras obras de arte de pitoresca e requintada beleza.*

Com uma visão clara e ampla do bailado contemporâneo, sòlidamente instalado nos seus princípios estéticos, Francis transmitiu à coregrafia, não apenas a sua delicada sensibilidade e o seu tenaz entusiasmo, mas também os traços bem vincados de um saber feito de experiência, através de uma carreira fulgurante.

Registamos, com prazer, estas duas manifestações de arte coregráfica, realizadas com idênticos objectivos, mas diferentes nas expressões e nos métodos empregados.

Nos bailados de Szilard, a dança, fiel às regras da escola clássica e valorizada pela mímica, teve principal encanto no movimento das grandes massas (não podemos esquecer a marcação dos últimos compassos do Carnaval *de Schumann!), na inspiração e no instinto dos bailarinos e na interpretação da música; nos de Francis, a coregrafia, independente e livre das normas apertadas desta ou daquela escola, encontra-se, harmònicamente, com tôdas as artes subsidiárias, incluindo, por conseqüência, a própria música, na tradução cinemática do argumento.*

E, apesar de fundamentalmente expressiva, a dança nos bailados Verde-Gaio *é desenhada em rigorosas marcações a que a disciplina profissional dá uma sensação inefável de beleza, feita de aparente simplicidade mas de complexa estrutura.*

L. de T.

Duas revelações da 2.ª temporada dos bailados «Verde-Gaio»: — *O Homem do Cravo na Bôca* e *Dança da Menina Tonta*

AÇORES

Ilhas Perdidas

por Vitorino Nemésio

Lagoa das Sete Cidades

FINJO que embarco e vou às ilhas. Para quem veio de lá para todo o sempre, é fácil: trazemos aquilo na pele, no sangue. Com um leve esfôrço de imaginação e memória, estou largado.

A primeira condição para se gostar de ilhas é não precisar a bordo de suspensão à Cardan. E amar o mar. Sentir aquêle imenso pêso salgado como uma música e um amigo. Ter olhos para aquilo. De manhã o *steward* (porque um grão de snobismo não fica mal num viajante)... de manhã o Cabral acorda-me e leva-me café. Vejo a vigia. É um anel encinabrado e uma grande grossura de vidro que o mar salpicou tôda a noite, o mar tão delicado ou tão bruto que é ao mesmo tempo como uma flor e como um bicho: Um amigo meu, que veio no *Carvalho Araújo* no dia do ciclone, viu estoirar chapas de vidraça que pareciam couraçar os tédios elegantes do *deck* e de que o mar sagrado fêz fanicos inúteis. É sério...

Mas, em regra, a vigia só mostra o movimento verde e moderado da maré. Salto do beliche e, cá em cima, gosto de ver o convés deserto e lavado, o praticante que sobe à ponte, o mastro decorativo que ainda chega para a sugestão de uma vela que eu crio, que eu faço de pano à custa de outras que cortaram na minha infância o canal de S. Jorge com baleias sangradas a reboque. Um dos prazeres de quem vai aos Açores é ler o Príncipe de Mónaco, que guardou a um quilómetro das frivolidades de Monte-Carlo um museu ilhéu com bichezas do fundo do mar e retratos de baleeiros de arrecada na orelha e barba em leque, paisagens de rocha

e espuma, peixes — creio mesmo que nuvens. A *Croisière d'un Navigateur* é meia viagem às ilhas: está lá quási tudo o que o itinerário dá depois.

Mas eu estou a bordo e levo os leitores comigo. Fazemos da Madeira apenas uma *étape*.

Os Açores pedem uns olhos activos, uma disposição recolhida. Não têm o prodígio de uma luz quási mediterrânea, como a luz da Madeira. É preciso gostar-se de mar alto, de uma rocha coroada de cagarros, de uma atmosfera baça e íntima.

Quem aprecie estas coisas está navegando. Vai comigo. Aqui em Santa-Maria ainda há calcáreos, que é espécie de terra conhecida. Mas S. Miguel já é aquêle estirão de vulcões mortos, lombas cheias de um verde que a humidade engorda e os nevoeiros da primavera trazem meio escondido.

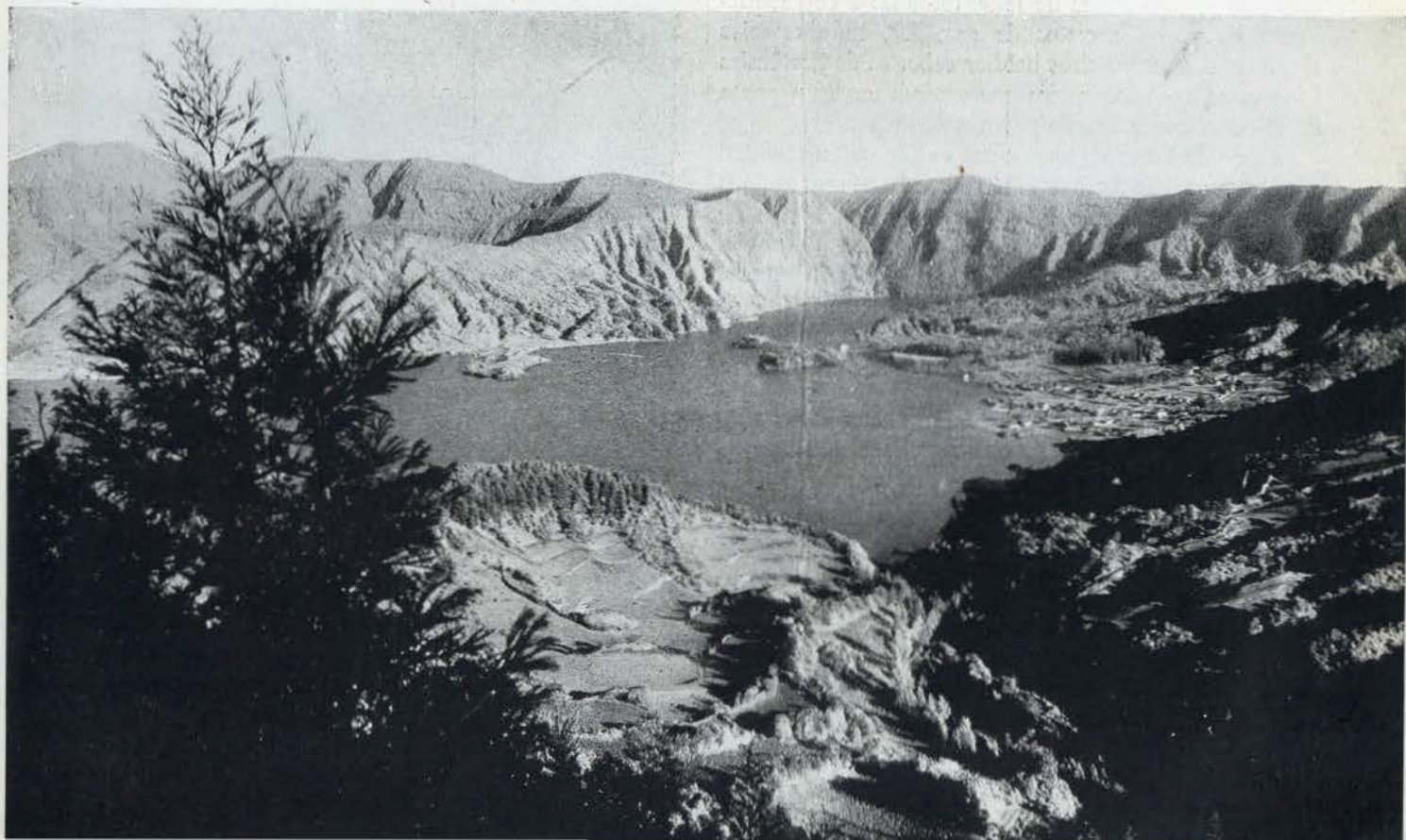
Quem queira a vila insular adormecida há quatro séculos tem a Vila-do-Pôrto, as Velas ou as Lages, do Pico. Umas dúzias de casas na rocha do mar, com funcionários, proprietários, pescadores e gente que ao mesmo tempo funciona, possui, pesca e lavra. Tem êsse mundo abreviado do natural e do humano debaixo de uma fala cantada, as mulheres de manto ou de capote, os homens experientes e pausados. Um dêles veio da América. Há um velho que conheceu a Califórnia no tempo do ouro e do *rifle;* outro que cortou carne no Rio ou carregou café em Santos. Os mais nunca saíram dali; têm mulher, arado ou barco, uma aguilhada, um tarro com que vão de manhã ordenhar. À noite, todos na *venda* — e o mais é mar...

Um poeta das Flores, Roberto de Mesquita, foi quem fixou a vilazinha insular com os seus muros de pedra sôlta e as suas semanas sem fim até o vapor chegar. Às vezes, ao longe, passa uma vela com destino, «sob a mudez dos céus cinzentos e pesados». Tôda a vida se refer àquela vela: Para onde irá? É maré-cheia ou vazante? O sal estará mais caro? Descarregaram ontem pedra de cal e o forno vai cozer para que haja empenas brancas nas festas do Espírito-Santo.

Sentir esta admirável monotonia no seu quadro de solidão e água salgada é que é ir aos Açores. Mas nada disto se conhece fora das ilhas perdidas. Chateaubriand tocou na ilha Graciosa e teve êsse sentimento da distância a que se está de tudo: Europa, América, África, o que sabemos da vida nesta coisa ligada e compacta a que se chama um continente. O seu faro de orgulhoso deu com o cheiro dos figueirais e da terra vulcânica que se mistura ao homem e parece pele, coisa viva.

Em S. Miguel, êste isolamento organiza o seu grande cenário. As Furnas enchem de fumo e água quente uma paisagem cheia de árvores e de fetos arbóreos, com troncos que parecem convicções, ali agarrados à vida e abrigando flores que mandam o perfume muito longe.

Dizer que não conheço nada mais belo do que as Furnas é tolice, por duas razões: porque há sempre uma coisa mais bela do que a melhor para um certo minuto, e porque nunca vi senão o retalho de Pireneus ou de Alpes que as linhas férreas mostram. Além de que as Furnas não são monte: são sulfataras, parques, um vale que nos enche de verde e de silêncio. Coisa, em verdade, mais para sentir que falar.

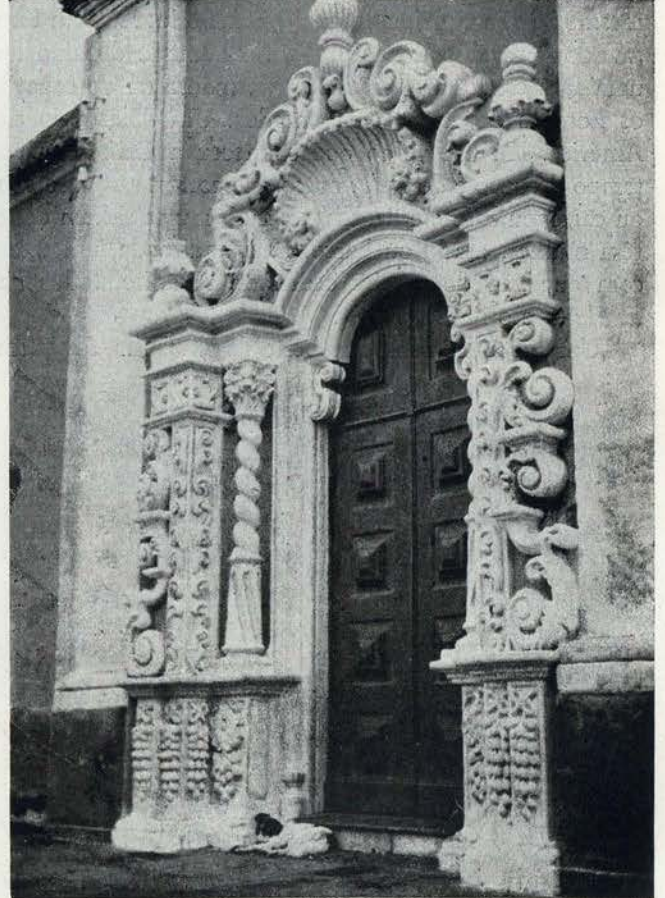
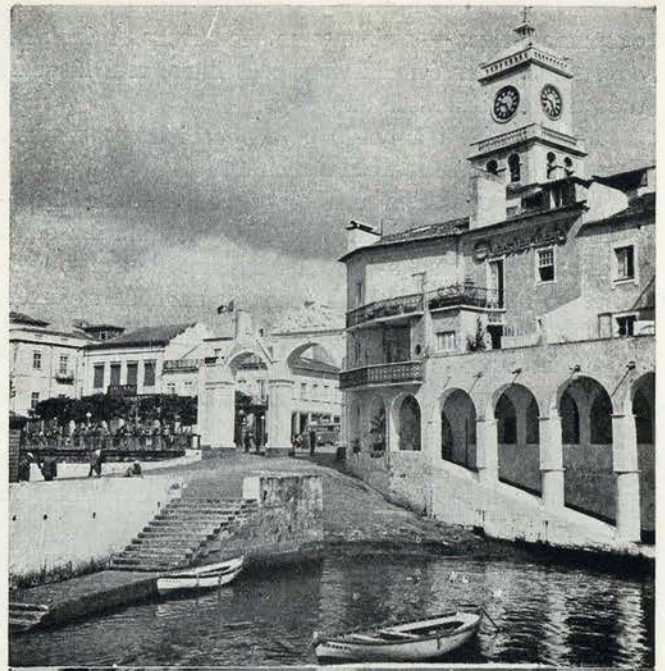
Tenho aqui dois volumes da viagem de dois ingleses

às ilhas: *A Winter in the Azores.* Comprou-os em Londres um amigo que mos deu. Os padres do campo, as mulheres de saia à cabeça, o burriqueiro com o seu jerico à arreata e a santa filosofia que o faz chamar «alma de pau» ao cristão que não deixa passar aquela «alminha de Deus» (que é o burro), nada escapou aos Butler, que não seriam grandes escritores, mas sabiam aguarelar umas ilhas, fixar os tons do verde e o mar que o cobre daquela respiração salgada.

É preciso fazer como os ingleses: ver os Açores devagar, ter um lápis afiado, entender a gente e as aves do calhau. Em mais pequeno que as Furnas, há mil e um cantos das ilhas que valem a viagem. E noutro género. Chegar a um alto de S. Miguel, ao longo de estradas de hortênsias, e descortinar as Sete-Cidades com os seus largos lagos, aquela infinidade molhada, profunda, com o mar a dois passos e como se a terra devesse começar e não ser mais terra ali mesmo...

Depois, Ponta-Delgada com os seus casarões de morgados, o seu ar de aldeia grande escondendo uma civilização medida à rasa de milho pelos Cantos bibliófilos, os Cantos aclimadores de floras exóticas e desenhadores de jardins principescos. O ananás, o chá, a cerveja, um museu, a frota do ananás. Gente empreendedora e de voz grossa; os civilizados do isolamento.

Mas eu já torno ao barco da Insulana e mostro mais ilhas. Mostro a Terceira e, como sou de casa, agora Antero é que fala: «terra essencialmente portuguesa e *peninsular:* fidalguia, pobreza, toiros, *insouciance* sóbria e filosófica, entusiasmo, bizarria e parlapatice». É verdade! Até a «parlapatice» é quási verdade: preço da nossa largueza de ânimo, ou ao menos da vontade de o ter largo — dar bodos de leite, touradas à corda, presentes de porco e cestos de camélias, tudo esmolas de Deus. E os meus ricos baldios cobertos de hortênsias e de vacas, com furnas em que escondemos uma ponta de mistério tenebroso, de pedra queimada...

Furna da Graciosa com a sua escada que um amigo meu traçou até ao meio dos infernos, com os seus atalhos que Garrett atravessou amorudo e menino. Pastos de S. Jorge onde Francisco de Lacerda sonhou a sinfonia pastoril que nunca fêz, — e o Pico baleeiro e vinhateiro, o Pico do picaroto, coroado de neves e com um cêrco de canoas como nenhum povo teve.

Se vos levo ao Faial, vamos à estrada da Caldeira buscar o «fio de harmonia» que Raúl Brandão ouviu cair do bico de um melro nas hortênsias molhadas e escuras. Mais civilização, cabos submarinos, raparigas lindas. Agora o mais remoto, talvez o mais sózinho e belo dos Açores: as Flores rodeadas de sebes, para fazer honra ao nome, e cobertas de nascentes, de fetos, de vacas a berrar. Por fim o Corvo dos portulanos, onde a gente se veste da ovelha e da tinta da urze e vive um pouco do dólar, e o resto da graça de Deus. Chateaubriand sabia escolher as rochas para os seus entes solitários e Mousinho da Silveira a melhor qualidade de barro para

Portas de Ponta Delgada. — Um portal barroco da igreja do Colégio. — Fotos Tom

esburgar uns ossos. Escolheram ambos o Corvo. O Corvo resume as ilhas e a gente — isto é, os que nascemos como havíamos de ficar, que é para sempre ilhéus.

TURISMO
BOLETIM MENSAL DE TURISMO
EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

SEM higiene não há turismo que progrida. Onde se encontra lixo que não foi recolhido, águas sujas, poeira nos móveis, talheres gordurosos nas mesas, roupas e caras mal lavadas, pode haver turistas, mas apenas de duas categorias: ou dos que ficam imperturbáveis perante o espectáculo — e êsses, embora raros, não interessa que permaneçam — ou dos que se enojam e revoltam — e êsses vão-se embora.

Como a maioria dos seres humanos, o turista é mais discreto na expansão das boas impressões do que das más. Esta desproporção é, porém, mais sensível nêle, porque as despesas, espontâneas ou forçadas, que faz durante a vilegiatura, ultrapassam, na maioria dos casos, o nível normal da sua vida económica. Isto torna-o, como é natural, mais exigente, inspirando-o a não prescindir, no hotel, na pensão ou no restaurante, de certas comodidades e preceitos higiénicos dos quais, talvez, nem sempre dá por falta na sua casa.

A um geógrafo que freqüentemente se embrenhava na Província, em trabalhos de investigação, alguém ouviu, um dia, a seguinte pregunta: «Porque será que nas casas humildes, a cuja hospitalidade sou, tantas vezes, obrigado a recorrer, nunca me incomodam os insectos que de noite me atacam, e num hotel não suporto os zumbidos de um mosquito, nem sou capaz de dormir por mais fatigado que esteja, com uma pulga ou um percevejo na cama?» A resposta podia ter sido esta: — É que, mal entrava no hotel, o *homem de ciencia* era, automàticamente, substituído pelo *turista*, com a sua psicologia, a sua sensibilidade, o seu espírito crítico — numa palavra: com as suas legítimas exigências.

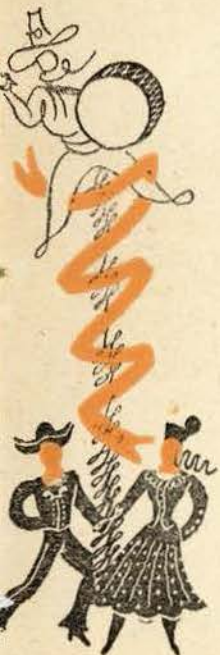
Hotéis, pensões, restaurantes... Ninguém ignora que é, quási sempre, num dêsses estabelecimentos que o turista colhe as primeiras impressões de viagem. Ora, as primeiras impressões são, também quási sempre, as mais duradouras. Assim, se êle ficou a dever uma insónia ao pouco asseio da cama onde passou a primeira noite; se foi perseguido, durante o pequeno almôço, por moscas famélicas e pegajosas, sai para a rua desconfiado, azêdo, pessimista, e tôdas as impressões recebidas durante a vilegiatura ficarão fôscas, enodoadas — porque entre o seu espírito e aquilo que vai vendo se interpõem, nítidas, essas imagens negativas.

Donde, lògicamente, se conclui que a *falta de higiene é o pior inimigo do turismo.*

Mas há outros, de que falaremos em breve.

ALGUMAS FESTAS E ROMARIAS NOS MESES DE JULHO E AGÔSTO

LOCALIDADES	DIAS	JULHO	ESTAÇÕES DE CAM. DE FERRO
S. JOÃO-DA-MADEIRA	26 e 27	Festas Sebastianinas, que se realizam há muitos anos com grande concorrência.	C/F — Rossio (Trasbôrdo em Espinho), ou C/F — Rossio - Aveiro, Aveiro - -Águeda e de Águeda a S. João--da-Madeira em camionete.
PONTE-DE-LIMA	27	Romaria da Senhora da Boa Morte, na Freguesia da Correlhã.	C/F — Rossio-Campanhã, Campanhã-Braga e de Braga a Ponte--de-Lima em camionete.

LOCALIDADES	DIAS	AGÔSTO	ESTAÇÕES DE CAM. DE FERRO
VILA-DO-CONDE	3	Festa tradicional com procissão de Nossa Senhora do Carmo.	C/F — Rossio-S. Bento, Trindade-Vila-do-Conde.
TERRAS-DO-BOURO	11 12 13	Romaria a S. Bento da Porta Aberta, na freguesia do Rio Caldo.	C/F — Rossio-Campanhã, Campanhã-Braga e de Braga a Terras--de-Bouro em camionete.
MIRANDA-DO-CORVO	12 13	Romaria do Senhor da Serra.	C/F — Rossio-Miranda-do-Corvo (Trasbôrdo em Coimbra).
VALE-DE-CAMBRA	13 14 15	Romaria à Senhora da Saúde, no Alto do Gestoso de Castelões (uma das maiores do Distrito).	C/F — Rossio-Oliveira-de-Azemeis (Trasbôrdo em Espinho), e de Oliveira-de-Azemeis a Vale-de--Cambra em Camionete.
ESTARREJA	15	Festa da Senhora do Monte, em Salreu (a 1 k.). Festa secular e tradicional.	C/F — Rossio-Estarreja.
PÓVOA-DE-VARZIM	15	Grandes Festas de Nossa Senhora da Assunção.	C/F — Rossio-S. Bento (Pôrto), e Trindade-Póvoa-de-Varzim.

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

ALGUNS CIRCUITOS PARA UM DIA NO NORTE

PÔRTO-PÓVOA-BARCELOS-BRAGA-GUIMARÃES-PÔRTO

	Kms.
PÔRTO	
Vila-do-Conde	28
Póvoa-de-Varzim	3
Espozende	20
Barcelos	15
Braga	19
Guimarães	23
Vila-Nova-de-Famalicão	22
Maia	22
Pôrto	11
	164

BRAGA (Bom Jesus):
Média de um almôço 15$00

NO NORTE DO PAÍS ENCONTRARÁ PRAIS E TERMAS EXCELENTES

PÔRTO-GRANJA-ESPINHO-AVEIRO-ÁGUEDA-ALBERGARIA-PÔRTO

	Kms.
PÔRTO	
Granja	14
Espinho	6
Ovar	16
Estarreja	14
Aveiro	22
Águeda	28
Albergaria-a-Velha	16
Oliveira-de-Azeméis	19
S. João-da-Madeira	8
Vila-da-Feira	11
Pôrto	29
	183

AVEIRO:
Média de um almôço 15$00

ALEGRIA
PITORESCO
HOSPITALIDADE
TUDO ISTO
ESPERA POR SI NO
NORTE DO PAÍS

NO NORTE: ALGUNS CIRCUITOS PARA 2 OU 3 DIAS

PÔRTO-PÓVOA-VIANA-DO-CASTELO-BRAGA-VILA-REAL-PÔRTO

	Kms.
PÔRTO	
Vila-do-Conde	28
Póvoa-de-Varzim	4
Espozende	20
Viana-do-Castelo	19
Ponte-do-Lima	24
Ponte-da-Barca	17
Vila-Verde	22
Braga	13
Guimarãis	23
Felgueiras	16
Amarante	18
Vila-Real	48
Régua	28
Marco-de-Canavezes	56
Penafiel	28
Valongo	23
Pôrto	14
	391

VIANA-DO-CASTELO:
Grande Hotel Santa Luzia
Almôço: 20$00

BRAGA:
Grande Hotel
Diárias de 28$00 a 65$00

BOM-JESUS (Braga).
Diárias de 25$00 a 70$00

VISITE O NORTE DO PAÍS / PAÍSAGEM DIFERENTE / FOLCLORE DIFERENTE

PÔRTO-ESPINHO-AVEIRO-VIZEU-VILA REAL-PORTO

	Kms.
PÔRTO	
Granja	14
Espinho	6
Vila-da-Feira	13
S. João-da-Madeira	11
Oliveira-de-Azeméis	8
Albergaria-a-Velha	19
Aveiro	19
Águeda	28
Albergaria-a-Velha	16
Vouzela	48
Viseu	26
S. Pedro-do-Sul	22
Castro-de-Aire	24
Lamego	32
Régua	13
Vila-Real	28
Amarante	48
Penafiel	28
Valongo	23
Pôrto	14
	440

ESPINHO:
Palácio Hotel
Almôço: 16$00

VISEU:
Grande Hotel Avenida
Grande Hotel Portugal
Diárias de 28$00 a 40$00
Almôço em:

Lamego	10$00	média
Régua	10$00	»
Vila-Real	13$00	»
Amarante	11$00	»

Em Amarante, especialidade em vinhos verdes.

ALGUMAS TERMAS

TERMAS	DOENÇAS	HOTÉIS	ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO	OBSERVAÇÕES
ABRUNHOSA	Litíase, gôta, reumatismo crónico, doenças do fígado e rins.	Casa de Repouso Diária: 40$00	Abrunhosa	
CALDAS DE AREGOS	Reumatismo, sífilis, afecções ginecológicas.	Grande Hotel do Parque, Grande Hotel Costa, Pensões Diárias de 15$00 a 40$00	Aregos	
CALDAS-DA-RAINHA	Reumatismo articular, sífilis, metro-ovarites, doenças do aparelho respiratório, ceborreia e piodermites.	Muitos Hotéis e Pensões Diárias de 20$00 a 60$00	Caldas-da-Rainha	Estância muito concorrida no verão. Várias diversões; Clube, Parque, etc.
CALDAS SANTAS	Doenças da pele, do aparelho digestivo, dos rins e da bexiga.	*(Ver Vidago)*	Vidago	*(Ver Vidago)*
CALDAS DE SAÚDE	Reumatismo, bronquites e sífilis.	Hotel Cidnay e várias Pensões Diárias de 15$00 a 60$00	Santo-Tirso	
CALDELAS	Enterocolites muco-membranosas de forma diarreica, ácida, doenças do fígado, baço e anemia palustre.	Vários Hotéis e Pensões Diárias de 25$00 a 70$00	Braga	
CASTELO-DE-VIDE	Doenças do estômago, rins, intestinos, fígado, pele e diabetes.	Hotel das Águas, Hotel Sintra do Alentejo. Diárias de 20$00 a 50$00	Castelo-de-Vide	Vila muito pitoresca. Estância muito recomendável para repouso.

REFERIR-NOS-EMOS, NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, A OUTRAS TERMAS DO PAÍS

DESPORTO SAÜDÁVEL PESCA DESPORTO RECOMENDÁVEL

PEIXES	REGIÃO DE PESCA	RIOS	ÉPOCA AUTORIZADA	OBSERVAÇÕES
Lampreia	Santarém Tomar	Tejo, Alviela, Almonda Nabão, Zézere, Tejo	1 de Julho a 28 de Fevereiro	
Salmão	Minho	Minho	1 de Fevereiro a 30 de Setembro	O Salmão pesca-se em todo o curso do Rio Minho.
Sável	Santarém Tomar Coimbra Caldas de Moledo	*(Ver Lampreia)* Mondego, Anços Douro, Varoza	15 de Fevereiro a 31 de Maio	
Truta	Braga Gerez Nelas S. Pedro-do-Sul Vila-do-Conde Vizela Vouzela Viseu	Este Cávado, Caldo, Homem, Maceira Alva, Mondego Vouga, Ave, Varoza Ave, Este, Orada, Guidões Vizela Vouga e Vizela Pavia, Sátão, Farreco	15 de Fevereiro a 31 de Outubro	

ROTEIRO DO VINHO PORTUGUÊS

SEGUNDA JORNADA

A idade da vinha, no Têrmo de Lisboa, é igual à das suas mais velhas pedras. Quando as tropas de Afonso Henriques puseram o cêrco ao Castelo de Lisboa, acamparam por entre os vinhedos que se reclinavam, olhar ao sul, nas encostas das colinas onde se ergue a cidade do Tejo. É que a vinha veio para a Lusitânia com os Romanos e ainda existe em muitas manchas onde sempre floresceu.

O triângulo turístico, já consagrado, — Lisboa, Estoril, Sintra — mantém-se no roteiro do vinho com leve alteração na localização dos vértices dos seus ângulos: Bucelas, Carcavelos, Colares.

Esta volta preenche um dia encantador pela diversidade dos aspectos panorâmicos que são oferecidos ao turista, pela riqueza monumental que nelas se adensa, pela variedade folclórica que os movimenta.

Tomemos à estrada larga que margina o rio: em vinte minutos, guiados pelas águas evocativas do grande pôrto do ocidente europeu, depois de atravessar a majestosa Praça do Império — que mais parece feita para dar perspectiva condigna à magnificência dos Jerónimos — e de deixar à esquerda a Tôrre de Belém — jóia delicada esculpida em pedra — chega-se, por entre vivendas e moradias cercadas de jardins em flor, ao pequeno e histórico centro vinícola de Carcavelos.

Abandone-se a grande estrada marginal para entrar na povoação. Percorram-se as vinhas da Quinta da Alagoa, Quinta do Barão ou da Bela Vista: daqui saíram vinhos deliciosos que, lá fora, tiveram nome grande e fama célebre. Já lá vão muitas décadas dêste período áureo do vinho de Carcavelos, destruído há muito pelo oídio maligno, mas a excelência do que ainda hoje se bebe não diminuiu.

«Vinho famoso... vinho aristocrático. Vinho de se lhe tirar o chapéu!! Reis e vassalos lhe prestam culto e homenagem — exclamava António Augusto de Aguiar, em êxtase.

É um generoso caracterizado por qualidades especiais: aveludado, aroma e sabor inconfundíveis, que no seu corpo marcam a presença das castas originais, do terreno e clima próprios da região.

Mas não se dê por terminada a visita sem ter admirado a casa senhorial do Marquês de Pombal, em Oeiras, cuja parte rústica se estende até Carcavelos. Ali se produziram vinhos tão famosos que a Companhia do Alto Douro os comprava todos — e, mais tarde, os soldados de Wellington, por ocasião das guerras napoleónicas, foram largos consumidores aqui, levando depois consigo o gôsto para a Inglaterra, que chegou a importar quantidades importantes.

Reserve-se o tipo «adamado» para a sobremesa do almôço ou do jantar, mas não se hesite em procurar no tipo «sêco» um aperitivo delicioso, estimulante, de rico flavor.

De cálice na mão, onde a luz chispa reflexos dourados no topázio torrado, à medida que o apreciador vai sorvendo lentamente os goles, tomando-lhe o sabor delicado, e aspirando os perfumes subtis, recordar-se-á, certamente, daquela estrofe popular:

O primeiro bebe-se inteiro
O segundo até ao fundo
O terceiro como o primeiro
O quarto como o segundo
O quinto bebe-se todo
O sexto do mesmo modo
O sétimo bebe-se cheio
O oitavo duas vezes e meio.

Evidentemente, estes versos dão a medida do desejo que todos sentem perante tal delícia, mas não podem calar a razão

e a vontade de prosseguir o passeio. Prudentemente, a atenção será limitada.

Por ser hora matutina não nos deteremos mais do que o tempo do aperitivo, digamos o «mata-bicho», neste caso, de categoria. É dêste modo feliz que pode entrar-se nas portas da afamada Costa do Sol, tão sàbiamente delineadas em Carcavelos.

Prosseguindo, passem-se os Estoris; torneje-se a costa por Cascais — curiosa a Cidadela — e, depois de um golpe de vista pelas vilórias acatitadas que se debruçam nas águas, encare-se frente à serra de Sintra. Para certos amadores pode recomendar-se, antes de sair de Cascais, uma visita ao Museu do Conde de Castro Guimarães, onde se guarda a célebre crónica de D. Afonso Henriques, por Duarte Galvão, com iluminuras primorosas.

Um pequeno desvio levará à Lagoa Azul, rincão romântico feito para noivos. Galgue-se a encosta: a Peninha oferecerá um aspecto curioso pela vastidão e dureza severa do panorama.

Siga-se ao Castelo dos Moiros — e pense-se nas hostes cujos guerreiros, cobertos de ferro, subiram aquêles declives àsperos na conquista ao serraceno.

Em baixo, o Palácio da vila — que data dos árabes — atrai com as suas desconformes chaminés gémeas.

A descida faz-se por uma estrada em curvas, ensombrada por vegetação luxuriante que de ora em quando abre janelas pitorescas sôbre horizontes largos, o Atlântico lá longe...

Uma visita a Monserrate costuma ser aconselhada, ao Convento dos Capuchos também, — mas o maior, mais impressionante e majestoso monumento é a Serra, em cujos recantos tentadoramente bucólicos se aninham as casas de verão da sociedade lisboeta, as «quintas», movimentando a paìsagem e dando-lhe um sinal de vida aristocrática, de bom gôsto.

Para norte da serra, logo a nascer no sopé, estende-se a várzea de Colares, fertilíssima, ubérrima, num desafio constante ao ar salgado do Oceano que, ali a dois passos, a limita pelo poente na costa fortemente dentada onde se abrem, em escrínios rochosos pintados a sépia, as praias da Adraga, Maçãs, Azenhas do Mar...

Poderia fazer-se o almôço em Sintra. Razões várias o aconselham, embora êle mais encantos tivesse numa das margens do Rio das Maçãs...

Todavia, assente-se nisto: os chamados «acepipes», pràticamente a «entrada», deverão ser fornecidos pelo Oceano. Um bom prato de gordos perceves, que foram a cozer em água salgada do mar, acompanhados pelo vinho branco da «Adega», serão um argumento decisivo a favor das excelências gastronómicas que a região oferece a quem a sabe apreciar.

O mesmo mar que deu os perceves fornecerá qualquer outro peixe fresco como prolongamento da entrada e preparação para o prato célebre: a vitela enrolada. Assombrosa esta vitela, que naquela região se cria como em parte alguma!

E na mesa, é chegada a altura de fazer a sua aparição o grande «Colares» tinto, misterioso produto do «Ramisco» que foi plantado em chão de areia da duna atlântica de origem terciária.

Êste é que é o verdadeiro «Colares», aveludado, ligeiro, macio, pouco espirituoso, côr de rubi, que o velho enólogo Batalha Reis já em 1873 proclamava como parceiro dos mais afamados vinhos franceses e italianos do seu tipo.

Sem dúvida, é o Vinho de Colares, gerado nas areias onde o inconfundível «Ramisco» está plantado, que deve ser considerado o maior monumento da região e que tem o seu templo báquico na Adega Regional.

Pela sua prosperidade, plenamente justificada na Várzea fértil, cresceram obras de pedra e cal, igrejas, conventos, que merecem atenção.

A velha vila de Colares, que teve importante relêvo no tempo dos romanos e foi conquistada aos mouros em 1147, teve foral logo nos alvores da nossa nacionalidade.

Evocando o seu passado glorioso, nunca desmentido, está o seu brazão de armas onde, na parte superior, se vêem três colares que simbolizam a luta sagrada na defesa do solo, a agricultura e a lenda que a engrinalda.

A «Várzea» é cortada pelo rio das Maçãs que, na «Crónica do Imperador Clarimundo», de João de Barros, se encontra assim descrito: «Rio mui gracioso que pelo meio dêstes pomares corre coalhado de muita fruta e flores. E com um ruído suave se mete no mar onde faz a repartição delas... com que os navegadores se alegram».

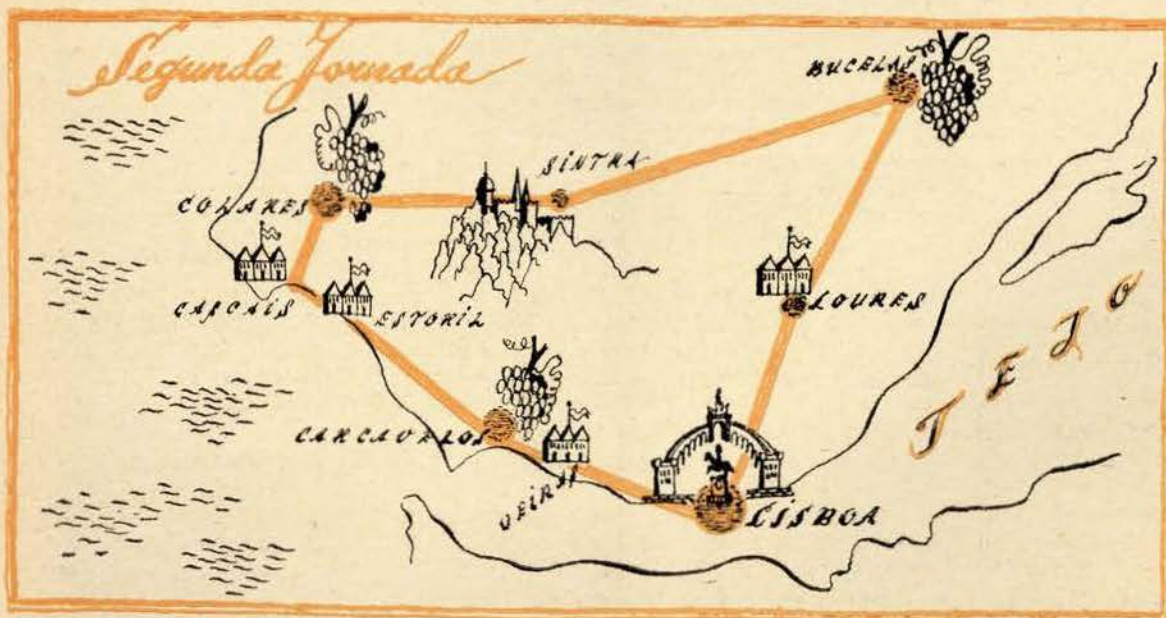
Não se abandone a região sem ver o pelourinho, símbolo de um passado longo; a imponente Pedra de Alvidrar e o Fojo, sobranceiro ao mar; a aguarela que são as Azenhas do Mar e, mais adiante, ainda sôbre as portentosas arribas, a curiosa capela de Janas com o seu alpendre circular.

Siga-se pela costa até S. João das Lampas, na imponente visinhança do Atlântico que se quebra em espuma de encontro às rochas da costa. Voltando à direita, toma-se a estrada alcatroada que vem da Ericeira para Sintra, na Estefânia, e daí, pela esquerda, sob a sombra verde-negra dos velhos ulmeiros, alcance-se o cimo da curva de Nova Sintra onde um derradeiro olhar abrange vasto horizonte.

Não se entre em Lisboa sem dar a última volta, por Bucelas — que vinho branco se serviria ao jantar, digno do «Colares», que acompanhará o assado, e do «Carcavelos» que entrou com a sopa e saíu na sobremesa, se não fôr o «Bucelas»?

É preciso ir buscar umas garrafas de «Bucelas» à terra dos saloios, ali ao norte de Lisboa. Panorama triste, por vezes com aspectos áridos, tem a sua suavidade nostálgica que não destruïrá a filmagem exuberante e rica que trazemos na retina. Sem emocionar fortemente, deleitará e deixará sobreviver as imagens que se colheram durante o dia.

Mas Bucelas poderá ainda fornecer uma refeição cheia de côr local: a merenda de bom pão saloio, queijo de ovelha, um copo de «Bucelas»... sob a latada da locanda acolhedora. Alguns se lembrarão das petisqueiras que o Eça e o Antero faziam na Rabicha, com os seus amigos. O cenário era idêntico...

ANTÓNIO BATALHA REIS

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Jardim da Estrêla

Foram novamente abertas ao público, no mês passado, as portas do Jardim da Estrêla, encerrado, havia algum tempo, para obras. Êste belo parque, um dos mais concorridos da capital, mostra-se, agora, modificado nas suas amplas alamedas, nos recintos reservados às crianças, que foram muito melhorados, e nos ajardinamentos, aqui e além enriquecidos por trabalhos artísticos.

A reforma do Jardim — que foi dos mais atingidos, em Lisboa, pelo ciclone de Fevereiro — deve-se aos arquitectos Lino Franco e Peres Fernandez, e ao Eng. Gomes de Amorim, mestre já consagrado na arte da jardinagem.

No dia da abertura, o Presidente da Câmara Municipal, Sr. Eng. Rodrigues de Carvalho, e sua espôsa, ofereceram um «Garden-Party» a algumas centenas de convidados, entre os quais a Senhora de Fragoso Carmona, os Srs. Ministros das Colónias, Educação Nacional e Finanças; Sub-Secretário de Estado das Corporações e das Finanças, e membros do Corpo Diplomático.

Exposição de Lucien Donnat

Lucien Donnat, jovem artista francês, levou ao estúdio do S. P. N., em Junho, admiráveis obras de pintura, decoração, retratos e desenhos. Entre os 53 quadros que expôs, muitos — e dos mais interessantes — foram inspirados em *motivos* portugueses. Assim, os que êle intitulou de: «Pregões de Lisboa», «Santo António», «Nossa Senhora dos Pescadores» e (num biombo) «A Procissão».

Como decorador e figurinista, apresentou outros magníficos trabalhos, demonstrativos de exuberante fantasia e de larga visão pictórica.

Panorama regista, com prazer, o êxito obtido por êste artista estrangeiro — a quem os tipos e as coisas características do nosso país em tão boa hora atraíram e encantaram.

Zonas de turismo do norte do país

O Director do S. P. N., acompanhado pelo arquitecto Jorge Segurado e por um funcionário dos Serviços de Turismo, visitou algumas zonas de turismo do Norte do País, onde foi recebido pelas autoridades locais.

Durante a visita a Francelos, praias de Miramar, Granja e Espinho, Viana-do-Castelo e Quimarães, verificou a necessidade de se elaborarem vários estudos: — planos de urbanização, aproveitamento de baldios, demolição e arranjo de alguns edifícios, criação de estalagens, etc. Reconheceu, ainda, a vantagem de se abrir uma estrada marginal ligando as praias de Espinho e da Granja, e outra de Espinho à Estrada Nacional e campo de aviação.

O Sr. António Ferro, que visitará outraz zonas turísticas, após o seu regresso do Brasil — para onde partiu, em viagem de propaganda, no dia 9 dêste mês — sugeriu às Juntas e Comissões de Turismo a conveniência de se intensificar o *contrôle* sôbre o estilo e as côres das edificações, e a estética dos ajardinamentos.

Figueira-da-Foz

A Comissão Municipal de Turismo da Figueira-da-Foz publicou, há pouco, o 2.º número do seu Boletim, que é — conforme se lê na introdução — «uma síntese, pela imagem, da evolução transformadora da Figueira nos últimos 70 anos».

Muito útil (e aconselhável a tôdas as publicações congéneres) é o programa que insere das festas a promover para os meses futuros: cortejos folclóricos, verbenas, gincanas, concursos de ranchos e serenatas no Mondego, passeios e excursões, torneios de tiro, concertos, etc.

«Cartilha da hospedagem portuguesa»

O *Diário de Lisboa*, no número de 27 do mês passado, publicou um oportuno editorial intitulado «Hotéis», do qual reproduzimos os seguintes passos:

«O S. P. N. editou uma *Cartilha da Hospedagem Portuguesa*, com dizeres de Augusto Pinto e desenhos de Emmérico Nunes, que, além de apresentada tentadoramente, encerra lições úteis para quantos não apreciam comer gato por lebre, caso tão freqüente, se nós, cheios de boa fé, nos guiamos quer pela nossa inexperiência, quer pela nossa imprudência. A indústria hoteleira, se é exercida escrupulosamente, honradamente, entra quási nos domínios da arte, da educação e da moral; mas, no caso contrário, torna-se uma forma perigosa da arte de furtar, de enxovalhar e de corromper».

... ...

«Pensaram já os hoteleiros na responsabilidade jurídica, moral e social do seu papel?».

«Dar hospedagem ao público não é o mesmo que traficar com moeda falsa. As suas principais obrigações são estas: fornecer comida sã e suficiente, ter quartos limpos e bem arejados, apresentar pessoal educado e sabedor do seu ofício, manter silêncio nas horas próprias e fazer observar os preceitos da higiene e as regras da limpeza em tôdas as dependências, principalmente nas que exigem mais água, sabão e vassoura. Trair e mentir, explorando a credulidade ou a inocência do cliente indefeso, eis o que demanda severo castigo».

XIII Exposição canina

A 13.ª Exposição Canina, que se realizou, no mês passado, no Jardim Zoológico, alcançou notável e justo acolhimento, não só da parte das pessoas directamente interessadas e dos conhecedores, como do público em geral.

Os cães portugueses — *Castro Laboreiro, Serra da Estrêla, rafeiros* do Alto Alentejo e outros — foram muito apreciados pelos estrangeiros que visitaram o certame e puderam reconhecer que as raças caninas nacionais não são inferiores a muitas das mais famosas, ali representadas em grande número.

O júri atribuíu prémios artísticos a numerosos expositores.

Concurso de monografias

Com o objectivo de tornar conhecidas as localidades do País que, embora ricas de interêsse histórico, arqueológico ou turístico, não têm sido suficientemente estudadas, resolveu o S. P. N. promover, pelos Serviços de Turismo, um concurso de monografias.

Os trabalhos devem tratar dos aspectos históricos, artísticos, etnográfico e, em capítulo separado, ou apêndice, dos de caracter turístico: diversões, desportos em geral, pesca desportiva, possibilidades de «camping», excursões e passeios. Incluïrão também os meios de comunicação e de transportes, focando o interêsse panorâmico dos percursos, as possibilidades de alojamento e as especialidades locais.

Serão atribuídos os seguintes prémios: de três mil escudos, de dois mil escudos e de mil escudos.

Os Serviços de Turismo do S. P. N. — Rua da Rosa, 277 — informam os interessados acêrca das condições dêste concurso literário.

Os mapas de «Panorama»

O segundo mapa artístico da nossa revista publicar-se-á no próximo número. Êsse interessante *hors-texte* — desenhado e colorido por Tom — é consagrado às festas populares e romarias do Continente.

O PRIMEIRO CONCURSO DO «PANORAMA»

O Passeio Ideal

É notória característica da literatura nacional o gôsto de descrever os diversos aspectos paisagísticos, monumentais, folclóricos e etnográficos do País. Numerosos poetas, romancistas, historiadores e jornalistas ficaram a dever à riqueza e ao interêsse dêsses temas muitas das páginas mais belas da sua obra.

Na verdade, de norte a sul, da fronteira ao Atlântico, o nosso território continental oferece ao viajante uma variedade tão grande de panoramas encantadores, de motivos plásticos e de costumes curiosos, que é, até, possível um português medianamente culto, ao descrever o que viu, suprir a falta de experiência literária com um sentido exacto de observação e anotar os pormenores com as côres verdadeiras, os valores certos — dando, em suma, aquilo a que Eça chamava a *nota justa*.

Para tanto, é necessário, antes de mais e principalmente, *saber ver*. Depois, saber contar. Saber contar como quem faz ver, pintando.

Há, com certeza, por êsse país fora, razoável número de pessoas que (sem exercerem a profissão ou o amadorismo de escritores) deram algum dia consigo, depois de um passeio no campo ou à beira-mar, a transmitir, numa carta a um amigo ou parente, em linguagem sóbria e viva, as impressões recebidas.

Ora, acontece que êsses descritivos, na sua despretensiosa *naturalidade*, têm, por vezes, mais fresco sabor e, até, maior *valor documental* do que muitas crónicas e reportagens de autores de nome feito.

Foi a pensar nesses escritores — de si mesmo ignorados — que resolvemos abrir o concurso que intitulamos de O PASSEIO IDEAL. A êles o destinamos, portanto, especialmente.

Consiste êste concurso, na sua linha geral, no envio de uma crónica ou reportagem de um passeio realizado numa das nossas províncias, devendo cada concorrente ter em vista o seguinte principal objectivo: relevar, através da descrição, determinadas características regionais e aspectos de interêsse turístico da província escolhida — ou por nela ter nascido ou por melhor a conhecer.

Os onze trabalhos, referentes às onze províncias do Continente, que revelarem maior número de qualidades literárias na descrição (tanto quanto possível objectiva) serão classificados e premiados com um passeio — O PASSEIO IDEAL — *que terá lugar numas das províncias que não tenha sido objecto da reportagem do premiado.*

As despesas de transportes e de hospedagem — desde o ponto de partida até ao regresso — serão pagas pelo *Panorama*.

Concretizando:

BASES DO CONCURSO

I — Reportagem ou crónica literária de um passeio, na qual devem ser focados aspectos de interêsse turístico (paisagem, folclore, monumentos, etc.), de nítido carácter regional.

II — Os textos não podem exceder 5 páginas de papel de máquina, dactilografadas a dois espaços, e serão acompanhados, numa página àparte, de um breve roteiro onde se indiquem as localidades, distâncias quilométricas e meios de condução utilizados no percurso relatado.

III — Cada trabalho será assinado com pseudónimo e acompanhado de um envelope lacrado, contendo o nome e a morada do concorrente.

IV — A classificação será feita por um júri de 4 escritores e jornalistas, presidido pelo director do *Panorama* — que só dará o seu voto em caso de empate.

Só depois de classificados os trabalhos é que se abrirão os envelopes com os nomes e moradas dos concorrentes.

V — Serão classificados onze trabalhos referentes às onze províncias em que actualmente se divide o nosso continente: — *Minho, Trás os Montes* e *Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Ribatejo, Alto Alentejo, Baixo Alentejo* e *Algarve*.

VI — Os textos premiados serão publicados em números sucessivos do *Panorama*, por ordem determinada por sorteio.

VII — Os textos premiados serão — quando se publicarem—ilustrados com fotografias feitas pelos nossos fotógrafos, ou com aquelas que os concorrentes enviarem por iniciativa própria, desde que a sua qualidade seja, artística e tècnicamente, apreciável.

Quando haja impossibilidade de se obter documentação fotográfica, os textos — ou alguns passos — serão ilustrados com desenhos feitos por colaboradores artísticos do *Panorama*.

VIII — O prazo para entrega dos textos termina no dia 30 de Setembro.

IX — O sorteio dos prémios será feito de modo que a cada premiado possa sair qualquer dos passeios descritos — menos o que foi objecto da sua reportagem.

X — Os passeios serão dados pelos premiados em época a combinar com a direcção do *Panorama*, a partir da publicação do primeiro trabalho — que se fará no número de Novembro.

XI — A acta do concurso será publicada, oportunamente, neste Boletim.

SEPARATA DA REVISTA
"PANORAMA"
S P N-1941
PAREDES DE COURA
1.º DOMINGO DE JULHO — ROMARIA DE S. BENTO DA PORTA ABERTA
23 E 24 DE JUNHO — FESTAS TRADICIONAIS DE S. JOÃO
14 DE SETEMBRO: GRANDE FESTA DA SENHORA DAS DÔRES — 15 DE AGÔSTO — GRANDES FESTAS DE N.ª SENHORA DA ASSUNÇÃO
BRAGA
GUIMARÃIS
AMARANTE
1.º SÁBADO DE JUNHO E DOMINGO SEGUINTE — ROMARIA DE S. GONÇALO
POVOA DE VARZIM
VILA DO CONDE
1.º DOMINGO — DEPOIS DE 11 DE JULHO ROMARIA DE S. BENTO DE VAIRÃO
DOMINGO DO ESPIRITO SANTO — ROMARIA DO SENHOR DE MATOZINHOS A MAIS IMPORTANTE DO NORTE DO PAIS
MATOSINHOS
LAMEGO
1 A 15 DE SETEMBRO — FESTA TRADICIONAL DE N.ª SR.ª DOS REMÉDIOS
13, 14 E 15 DE AGÔSTO — ROMARIA À SR.ª DA SAÚDE, UMA DAS MAIORES DO DISTRITO
V.DE CAMBRA
ESTARREJA
15 DE AGÔSTO — FESTA SECULAR E TRADICIONAL DA SENHORA DO MONTE, EM SALREU
MURTOSA
DA TORREIRA
TO E 2 DIAS SEGUINTES — ROMARIA DO ESPIRITO SANTO EM SANTO ANTÓNIO DOS OLIVAIS
COIMBRA
COVILHÃ
2.ª FEIRA DO ESPIRITO SANTO — ROMARIA DA SR.ª DA PÓVOA, A MAIOR FESTA DA REGIÃO
FIGUEIRA DA FOZ
24 DE JUNHO — FESTAS DE S. JOÃO
VILA NOVA DE OUREM
13 DE MAIO E OUTUBRO — GRANDE PEREGRINAÇÃO A N.ª SENHORA DE FÁTIMA
TOMAR
FESTA TRADICIONAL DOS TABOLEIROS — NOTA: DATA INCERTA E NÃO SE REALIZA TODOS OS ANOS
31 DE AGÔSTO, ÚLTIMO DOMINGO DE AGÔSTO — ROMARIA DE N.ª SR.ª DA ESPERANÇA
PORTALEGRE
LISBOA
ALCOCHETE
MONTIJO
SEIXAL
31 DE AGÔSTO, ÚLTIMO DOMINGO DE AGÔSTO — ROMARIA E FESTA TRADICIONAL DE N.ª SENHORA DA ATALAIA
VILA VIÇOSA
2.º DOMINGO DE SETEMBRO, 3 DIAS 14 DE SETEMBRO — ROMARIA DO SENHOR JESUS DA PIEDADE DOS CAPUCHOS
6.ª FEIRA DE ASCENÇÃO — ROMARIA DE S. BENTO. 2 DE FEVEREIRO — ROMARIA DE S. BRAZ. 14 DE ABRIL — ROMARIA DO ESPINHEIRO
EVORA
ODEMIRA
GRANDES FESTAS TRADICIONAIS DA VILA
ALBUFEIRA
CONHEÇA PORTUGAL
ATRAVÉS DAS SUAS
ALEGRES E PITORESCAS
ROMARIAS
tom 41

ALGUMAS ROMARIAS DE PORTUGAL

MAPA N.º 2

INFORMADOR DO TURISMO

LISBOA

Hotéis

AVIZ HOTEL
Av. Fontes Pereira de Melo

AVENIDA PALACE
Junto à Estação do Rossio

Casas de Chá

PASTELARIA BENARD
Rua Garrett, 104-106

IMPERIUM
Rua Santa Justa, 105

PALLADIUM
Av. da Liberdade, 1

Restaurante

AQUÁRIO
Rua Jardim do Regedor, 34 a 50

BEBA OS CAFÉS DE
TIMOR
S. TOMÉ
CABO VERDE
ANGOLA
PORQUE
SÃO DOS MELHORES E
SÃO PORTUGUESES
Candido

COSTA DO SOL
GOLF
TENNIS
HIPISMO
NATAÇÃO
TIRO
PISCINA
EQUITAÇÃO
ROLETA
BANCA FRAN-
CESA
BACCARÁ
CASINO
CINEMA
CONCERTOS
DANCING
RESTAURANTE
BAR
HOTEIS
COMBOIO
ELECTRICO
ESTORIL
A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAIZ
A 23 KM. DE LISBOA PELA ESTRADA MARGINAL · COMBOIOS RAPIDOS